

## Um «beato vivo»: o P. António da Conceição, C.S.J.E., conselheiro e profeta no tempo de Filipe II

I — Hoje, não serão muitos os lisboetas — a menos que sejam verdadeiros olissipófilos... — que saberão, quando apanham o «18» ou o «39» para o Beato, a razão de ser desse topónimo da cidade... Ignoram, certamente, que estão, de alguma maneira, a contribuir para fazer perviver a *fama sanctitatis* de um humilde lóio — e quantos saberão que assim se designavam, mais ou menos oficiosamente, os membros da Congregação de S. João Evangelista? —, o *Beato* António, que viveu entre 1538 e 1602... Essa *fama*, atestada por inúmeros testemunhos dos que o trataram em vida — os únicos que iremos considerar aqui — e beneficiaram, então ou depois da sua morte a 11 de Maio desse ano de 1602, dos seus milagres, não foi, apesar de tudo e das declarações de grandes senhores e de inquisidores gerais do reino, suficiente para que o seu processo de beatificação, que parece ter-se arrastado por todo o século XVII, chegasse a bom termo em Roma... De qualquer modo, a *vox populi* beatificou-o e, depois de terem desaparecido a capela onde se expunha o seu retrato, a terra do seu túmulo e a fonte da sua água, consagrou-lhe essa *fama* no topónimo de um bairro da capital do reino que se erguia à volta de um convento de que ele começara a erguer a «igreja nova» em 1592<sup>1</sup>...

Apesar de «sabida de poucos», a notícia da sua morte arrastou ao seu convento de S. Bento de Xabregas uma multidão ávida de prestar a sua última veneração ao santo — tocando o seu cadáver..., proclamando, em «altas vozes», a sua santidade... — e de obter — melhor, talvez, arrancar —, como pudesse, as suas relíquias... E ainda, se possível, assistir a algum milagre seu, como de facto sucedeu a um moço «de nove para dez annos», cego, que, beijando-lhe a mão amortalhada, recuperou a vista<sup>2</sup> e a um outro

<sup>1</sup> Jorge de S. PAULO, *Epilogo e Compendio da Origem da Congregação de S. João Evangelista...*, ms. 924 da B. P. Braga, 540. (Agradeço ao Dr. Pedro Tavares o ter posto à minha disposição a sua cópia desta crónica dos lóios, de que vem preparando a edição). Na citação deste e de outros textos, em virtude de dificuldades técnicas, transcreveremos o [~] por ['] para indicar a nasalidade da vogal [u].

<sup>2</sup> Luis de MÉRTOLA, *Extracto dos Processos que se tiraram por Ordem dos Illustrissimos Senhores Ordinarios na forma do direito sobre a vida, e morte do Veneravel Padre Antonio da Conceição, Religioso da Congregação do Bemaventurado São João Evangelista deste Reino de*

de doze, tolhido das pernas, que depois de igualmente ter beijado a mão, ficou são<sup>3</sup>. E isto, que a graça de aproximar do esquite foi concedida a muito poucas pessoas seculares, mas casos houve de homenagem verdadeiramente espectaculares, como aquela «certa dama» que, aparecendo com o rosto coberto, depois de se ter lançado por cima do «esquite onde esteve espaço de tempo, até que a fizerão afastar», «tirou da manga muita quantidade de rosas e cobrio o veneravel corpo com ellas...»<sup>4</sup>. Como era quase de tradição obrigatória na veneração do corpo dos que morriam com fama de santos, o *Beato António* «quase foi meio dispidido à sepultura»<sup>5</sup>. Aliás, como havemos de ver, na última sexta-feira em que, como habitualmente, desceu à igreja do convento para, no altar de S. Bento, abençoar os seus devotos, a multidão era tão grande que, segundo um testemunho ocular, ultrapassava a da festa do próprio «Pai dos Monges»<sup>6</sup>... E mais: como que advinhando que seria a última vez que o haviam de ver em vida, a multidão, «como se já fosse morto», cortava-lhe o hábito para tomar os pedaços como reliquias<sup>7</sup>...

Esta *fama sanctitatis* foi, *post mortem*, alimentada por diversos modos, mas, a julgar por omissões de referências a testemunhos para determinadas épocas e por alusões de outras fontes que não a sua biografia escrita pelo carmelita Fr. Luis de Mértola servindo como que de introdução ao *Extracto dos Processos que se tiraram por ordem dos Illustrissimos Senhores Ordinarios na forma do direito sobre a vida e a morte do Veneravel Padre Antonio da Conceição...*, não parece, a estar por alguns indícios a que havemos de apontar, ter sido sempre tão pacífica como, à primeira vista, sugerem algumas obras, a começar pela que acabámos de referir, que é, hoje, a fonte mais precisa para aceder à sua *fama sanctitatis* em vida e depois de morto até cerca de 1647.

Ainda que não seja o que nos interessa aqui — exigindo, aliás, uma investigação arquivística que localize a documentação enviada, ao parecer, para Roma, com vista à sua beatificação — assinalemos que as primeiras informações destinadas a esse processo deverão ter começado em 1607, embora as certidões e testemunhos de altos prelados (D. Fernão Martins de Mascarenhas, inquisidor geral, D. Afonso Furtado de Mendonça, arcebispo

---

*Portugal...*, Lisboa, 1647, 158 (Citaremos sempre por *Vida e Morte do P. António da Conceição...*)

<sup>3</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 158,176.

<sup>4</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 88 Jorge de S. PAULO, *Epilogo e Compendio da Origem da Congregação de S. João Evangelista...*, ms. cit., 578-579, que conta este episódio com alguma diferença de pormenor, identifica esta dama como sendo D. Brites de Alencastro, Comendadeira-mor de Santos.

<sup>5</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 88.

<sup>6</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 163.

<sup>7</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 61, 163.

de Braga, D. Teotónio de Bragança, arcebispo de Évora), e de grandes senhores (D. Francisco de Bragança, Marquês de Santa Cruz, Regedor Manuel de Vasconcelos, D. Álvaro de Lencastre, duque de Aveiro, D. Teodósio de Bragança, duque de Bragança, Martim de Castro do Rio, D. Mariana de Lencastre, D. Ana de Mendonça, D. Isabel Henriques, etc.), de gente que parece situar-se entre a burguesia (Estevão Lercaro, Jacome Spínola) e ainda de alguns antigos criados do convento de Xabregas (Manuel Jorge, Pedro Gonçalves, Pedro Gomes, etc.) e até alguns religiosos lóios (Simão do Espírito Santo, Rafael dos Anjos, Fr. António de Santa Maria, companheiro do *Beato*, etc.) sobre virtudes e graças alcançadas por intercessão do P. António da Conceição, só à volta de 1625 venham a ser recolhidos... Curiosamente, até o testemunho de um dos milagres que maior ressonância terão tido na Lisboa dos fins do século XVI, relacionado com a construção da igreja nova do convento de S. Bento de Xabregas — o caso dos cabouqueiros a quem Fr. António salvou a vida por lhe ter sido revelado que uma pedreira estava a ponto de cair sobre eles — só é tomado por esses anos... Com efeito, quando Baltasar Fernandes, um dos cabouqueiros salvos<sup>8</sup>, e Pedro Gomes, um boieiro que, nesse tempo, conduzia a pedra da pedreira para as obras<sup>9</sup>, depõem, tinham passado mais de 20 anos sobre um milagre que temos de situar à volta de 1592... E entre 1607 e 1625 há 18 anos que não parece terem trazido significativos avanços à causa... E se, desse modo, podemos compreender que um Miguel de Moura, falecido em 1600, e um cardeal Alberto, que morreu em 1621, não tenham deixado qualquer depoimento, sempre nos perguntaremos por que uma Madre Brígida de Santo António (†1655), a primeira brigitina portuguesa e «discípula primogénita» do *Beato* António, tal como o dominicano Fr. João de Vasconcelos (†1652), importante personagem, por sangue e letras, na vida religiosa portuguesa da primeira metade de Seiscentos e o «discípulo primogénito» do santo<sup>10</sup>, não foram, então, chamados a depor... e deles se esquece essa vida que escreveu Fr. Luis de Mértola. Terão testemunhado em informações posteriores? Não sabemos, mas sabemos que houve ou a continuação daquele processo *in genere* ou outros processos *in genere*, pois não só Fr. Luis de Mértola intitula, em 1647, a sua obra *Extrato dos Processos...*, mas também Fr. Agostinho de Santa Maria, O. S. A. D., na *História da Vida Admirável e das Acções Prodigiosas da Venerável Madre Soror Brizida de Santo Antonio, Filha espiritual singularissima do*

<sup>8</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 150-151.

<sup>9</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 175.

<sup>10</sup> Agostinho de SANTA MARIA, *História da Vida... da Madre Soror Brizida de Santo António...*, ed. cit., 22.

*Veneravel Padre António da Conceição* (Lisboa, 1701), refere testemunhos que só podem ter sido dados muito depois de 1625 e mesmo depois de 1647, como, por exemplo, o do segundo Conde de Óbidos, D. Fernando de Mascarenhas, nascido em 1643<sup>11</sup>... E se à volta de 1642, como conta Fr. Luis de Mértola, ainda se consultavam os papéis relativos à beatificação com «humã pessoa pratica na Curia Romana»<sup>12</sup>, Jorge Cardoso, no terceiro tomo do seu *Agiógió Lusitano*, publicado em 1666 (Lisboa) refere que, por essas datas, se tratava em Roma, «com grande calor e eficácia», da causa da sua beatificação, o que, certamente, permitiu incluir no processo testemunhos tardios como esse do jovem segundo conde de Óbidos. De todos os modos, Soror Brígida de Santo António foi um dos maiores, se não mesmo o maior, sustentáculo da veneração ao santo e da causa da sua beatificação, e, talvez, esse seu zelo à causa de alguém que sempre, mesmo depois de morto, a continuou a proteger e a inspirar, a levasse a dizer que «os seus frades [os lóios] não fazião caso delle», mas que «viria tempo que só com os seus milagres, que faria, se canonizaria»<sup>13</sup>. Poderemos, assim, pensar que alguma polémica, mesmo que ditada por zelo — ou até um certo «esquecimento» — terá havido, sobretudo se atendermos que, em data que não podemos precisar, se procedeu — ou se tentou proceder — à reforma da Congregação de S. João Evangelista, reforma de que se quis se encarregasse, precisamente, Fr. João de Vasconcelos, que se escusou para, segundo Fr. Lucas de Santa Catarina, não ter que começar pela casa do que fora seu pai espiritual<sup>14</sup>... De todos os modos, Fr. João de Vasconcelos será um dos que, em 5.7.1647, assinará uma das licenças de correr da obra de Fr. Luis de Mértola. Um outro, será o Doutor Pantaleão Rodrigues Pacheco (†1667), cónego das sés de Coimbra e Lisboa, inquisidor e bispo eleito de Elvas, e grande devoto de Soror Brígida de Santo António<sup>15</sup>. Nada nos deve, portanto, admirar que a brigítina lhe tenha pegado a devoção ao *Beato* e, por isso, tenha sido, efectivamente, ele essa «certa personagem ecclesiastica» em

<sup>11</sup> Agostinho de SANTA MARIA, *História da Vida... da Madre Soror Brizida de Santo António...*, ed. cit., 125; no mesmo caso está o testemunho da terceira duquesa de Aveiro, D. Ana Maria Manrique de Lara que refere Agostinho de Santa Maria, *ob.cit.*, 130.

<sup>12</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 189.

<sup>13</sup> Agostinho de SANTA MARIA, *História da Vida... da Madre Soror Brizida de Santo António...*, ed.cit., 118

<sup>14</sup> Lucas de SANTA CATARINA, *Quarta Parte da Historia de S. Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal*, Lisboa, 1866, 1,15-22, 101-157 (esp.125).

<sup>15</sup> Agostinho de SANTA MARIA, *História da Vida... da Madre Soror Brizida de Santo António...*, ed. cit., 273.

atenção a quem Fr. Luis de Mértola aceitou escrever a biografia do P. António da Conceição e extratar o seu processo de beatificação<sup>16</sup>.

Ainda dentro deste quadro de alusões à *fama sanctitatis* do P. António da Conceição e dos meios para a manter e promover, recordemos que, em 1646<sup>17</sup>, D. João IV, segundo conta Fr. Agostinho de Santa Maria, numa ocasião de grave doença do príncipe Afonso (futuro Afonso VI), mandou retirar, pelo capelão-mor, D. Manuel da Cunha, bispo de Elvas, um osso do cadáver do P. António para ser aplicado, como foi, ao príncipe. Agradecido pela cura, o rei, dois anos mais tarde (1648), além de ter passado, juntamente com a rainha, duas certidões dessa «cura milagrosa» destinadas ao respectivo processo, «prometeo o dinheiro necessario à causa da sua beatificação»<sup>18</sup>. Por estas datas, empenhava-se Soror Brígida de Santo António em promover a devoção ao P. António junto dos reis<sup>19</sup> ... Com efeito, se não se trata de um aproveitamento «oportunista» de hagiógrafo, Fr. Agostinho de Santa Maria, ao escrever que a «res-

<sup>16</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. Antonio da Conceição...*, ed. cit., s.p., «Carta ao Reverendissimo Padre Geral da Congregação de S. João Evangelista», em que declara: «certa personagem ecclesiastica me pediu encarecidamente que com todo o segredo possível fizesse esta obra, offerendome a materia della em os processos que se tirarão por ordem dos Illustrissimos Senhores Ordinarios...». Agostinho de SANTA MARIA, *História da Vida... da Madre Soror Brízida de Santo António...*, ed. cit., 284 afirma que «o bispo [o Dr. Pantaleão Rodrigues Pacheco, bispo eleito de Elvas] havia pedido [ a Fr. Luis de Mértola] que quizesse escrever (obrigado da Veneravel Madre) a vida do Veneravel Padre Antonio da Conceição». E o próprio Luis de MÉRTOLA parece aludir a estes pedidos cruzados quando escreve em *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 118: «Hũa cousa grande que elle [P. António] obrou em vida fica por relatar aqui, por me não dar licença certa pessoa de muita virtude, e religião, e de boa calidade, porque era forçado dizeremse cousas de grande louvor seu; he pessoa já de muita idade, e foi filha espirital deste servo de Deos [...] e me mandou segurar que este bom Padre me avia de pagar o trabalho que tivesse em historiar suas cousas...».

<sup>17</sup> Jorge de S. PAULO, *Epilogo e Compendio da Origem da Congregação de S. João Evangelista...*, ms. cit., 588-589 diz que o príncipe tinha quase três anos, o que, sabendo-se que o futuro Afonso VI nasceu em 19.8.1643, permite situar o acontecimento em 1646.

<sup>18</sup> Agostinho de SANTA MARIA, *História da Vida... da Madre Soror Brízida de Santo António...*, ed. cit., 134 em que segue, quase à letra, o texto de Jorge de S. Paulo; acrescenta, porém, (129-130) uma referência à graça obtida com a mesma relíquia pelos duques de Aveiro numa doença de um filho seu de que não parece que se ocupe o cronista lóio, mas este refere (*Epilogo e Compendio da Origem da Congregação de S. João Evangelista...*, ms. cit., 589), na sequência da cura do príncipe Afonso, a cura de uma doença de que sofria o próprio duque, D. Raimundo de Lencastre, e que este atribuiu à intercessão do P. António, disso passando a respectiva certidão, em 31.3.1650.

<sup>19</sup> Agostinho de SANTA MARIA, *História da Vida... da Madre Soror Brízida de Santo António...*, ed. cit., 213-214 aponta os lances que rodearam a construção do novo convento das brigittinas em Marvila e dos meios e modos, sempre com o nome do seu P. António da Conceição por justificação, com que alcançou a autorização de João IV — «por particular motivo, que para isso tinha» — para a levar a efeito. Para além do marquês de Gouveia, foi especialmente importante a acção da rainha Luísa de Gusmão.

plandecente luz» da santidade, e quase consequente espírito profético, de Soror Brígida, esteve «escondido» «quarenta annos», permite situar os começos da sua acção e empenho públicos na causa do P. António e na orientação de tanta gente que a ela recorria, depois de 1640..., talvez até, um pouco mais precisamente, por 1642-1643. Uma actividade que cobre, em profecias — desde entradas de armadas (interpretando o Bandarra<sup>20</sup>...) até a casamentos, quedas de ministros e mortes de Grandes —, os reis e altíssima nobreza... e se reveste ainda da difusão, em «registos», do milagroso retrato do P. António da Conceição<sup>21</sup>... Talvez, deste modo, possamos compreender melhor a alusão à vaga e única profecia em sentido restauracionista que teria feito o *Beato*<sup>22</sup>, ele que, em vida, tão aproveitado fora por vice-reis e governadores de Portugal... É também ainda possível que esta moldura ajude

<sup>20</sup> Agostinho de SANTA MARIA, *História da Vida... da Madre Soror Brizida de Santo António...*, ed. cit., 86: «Costumavão algũas senhoras visitalla [à Madre Brígida] com a boa opinião que ja tinham de sua virtude. Em hum dia se veyo a fallar nos sucessos do Reyno, e nas guerras delle: e a este respeito, nas cousas que dizia o Bandarra em suas coplas; e que havia de vir hũa armada de inimigos à nossa Barra. E aqui disse a Madre Brizida que aquelle era o tempo em que isto havia de succeder. Porém que se Sua Magestade desse hũa esmola para a beatificação do seu veneravel Padre Antonio da Conceição, elle alancaçaria de N. Senhor, não entrasse a armada, nem fizesse mal à Cidade». Como apurou o inquisidor Dr. Pantaleão Rodrigues Pacheco, a armada deveria ser a que, por ordem do Parlamento inglês, veio, em 1650, em perseguição da armada de Roberto e Mauricio, filhos do príncipe palatino, que em 1649 se haviam refugiado no Tejo. Para o desenrolar das acções aqui evocadas e «desempenho» das palavras de Soror Brígida, ver Agostinho de SANTA MARIA, ob. cit., 87-94.

<sup>21</sup> Para além das referências que ficam feitas à veneração que os reis e grandes senhores dedicavam a Madre Brígida, a sua biografia trata, em capítulos especiais, «Da grande veneração com que a Duquesa de Aveiro tratava a Madre Brizida, e dos favores que recebeo de nosso Senhor pelas suas orações» (cap VIII) e «Das cousas que a Veneravel Madre Brizida disse da casa de Ferreira, e do Cadaval, e da sua successão, e permanencia» (cap. IX). Soror Brígida de Santo António possuía na sua cela um retrato do *Beato*, por meio do qual se alcançaram muitas graças, e que lhe serviu para, à hora da morte, pedir a bênção de seu pai espiritual, como conta Agostinho de SANTA MARIA, *Historia da Vida... da Madre Soror Brizida de Santo António...*, ed. cit. 258. Deste retrato, que, como lhe tinha prometido o P. António, foi entregue à brigítina em dia de Santa Tecla — dia de sua profissão —, mandou a Madre Brígida, por meio de Valentim Lobo de Castilho, filho de Fernando de Castilho de Mendonça, um grande devoto da freira, que fora Provedor dos seguros, fazer «hũa grande quantidade de resistos, com imagem do Veneravel Padre ao natural». Conf. Agostinho de SANTA MARIA, ob. cit., 124. Não podemos precisar a data em que se divulgaram estas pagelas, mas em 1650 já Soror Brígida as tinha oferecido a Roberto, príncipe palatino, anos em que também D. Vasco de Mascarenhas, Conde de Óbidos, jura ter obtido graças por meio de um desses «registos» durante a sua viagem de regresso da Índia onde estivera por Vice-rei (1652-1653). Conf. José F. Ferreira MARTINS, *Os Vice-Reis da Índia. 1505-1917*, Lisboa, 1935, 139-140.

<sup>22</sup> Luís de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 128-129 refere que D. Nuno de Mascarenhas «tratara muitos annos familiarmente com o Padre Antonio da Conceição [...] entendia que tinha espiritu de profecia, por quanto lhe dissera muitas cousas que vira, andando o tempo, succeder como elle dissera, e que sô ainda tinha hũa por ver, e que esperava ainda ver», afirmação que, sendo D. Nuno de Mascarenhas «tão grande Portuguez, e tão zeloso da liberdade deste Reyno», o biógrafo tem «por mui provavel, que o Padre Antonio da Conceição lhe devia dizer desta restauração do Reyno, e isto era o que elle esperava tanto ver»...

a explicar a razão por que a primeira biografia do *Beato* — essa que escreveu Fr. Luis de Mértola — só tenha aparecido por essas datas, coincidindo, aliás, com um momento (1647) em que os lóios manifestavam especial veneração — e gratidão — a Soror Brígida e podiam testemunhar algum milagre seu<sup>23</sup>.

Como já insinuamos, o empenho dos lóios na difusão da devoção ao P. António poderá não ter sido tão constante e tão vivo como gostaríamos de pensar — as suas contribuições literárias *more hagiographico* à causa são tardias — e os seus grandes devotos desejavam. Com efeito, os já citados remosques de Soror Brígida de Santo António ao zelo dos lóios por essa causa e o facto de a sua primeira biografia — e durante muito tempo a única — se dever a alguém estranho à Ordem e ter sido encomendada e escrita em segredo, poderá permitir sugerir uma certa oscilação — e, logo, uma certa distância — nesse empenho em determinados períodos no século XVII. Recordemos que, já em 1647, Fr Luis de Mértola publicava a primeira biografia para «avivar sua memoria, para que de todo não esqueça», o que parece ir, precisamente, no sentido de que ia — ou, aos mais zelosos, parecia que ia — esquecendo... Datarão também desses anos os remosques da brigitina portuguesa? De qualquer modo, embora Jorge de S. Paulo nada refira a tal respeito até 1658 — data da sua protestaçoão, exigida pelos decretos de Urbano VIII, sobre o sentido com que classifica de «profeticas e milagrosas» as «acçoões» de Fr. António referidas no capítulo que lhes dedica na sua inédita crónica<sup>24</sup> — sabemos que a sua cela, já antes de 1677, se tinha transformado «em hum perfeitissimo oratorio, ornado de custosas laminas e excellentes pinturas, com hum magestoso retabulo e altar onde se

<sup>23</sup> Agostinho de SANTA MARIA, *História da Vida... da Madre Soror Brízida de Santo António...*, ed. cit., 173, que copiamos: «E hum dia de Santa Brízida (nesse mesmo tempo) em que os religiosos de Santo Eloy, por seu respeito, e pela grande devoção que lhe tinham, como a filha do seu Veneravel irmão o Padre Antonio da Conceição, hião a solemmnizar a festa da Santa, sentirão muyto que ella estivesse nesta ocasião doente, dispondo-o assim Deos, para mayor ostentaçoão das suas maravilhas, disserão que não havião de cantar, se ella não assistisse presente à festa. A vista dos desejos que tinham aquelles Padres de a ver, se animou, vestio, e foi assistir às vesporas, e ao outro dia à missa: e se entendeo, que mais que a sua devoção, nascerão os alentos com que assistio a tudo, de causa soberana. E depois lhe foi dar graças à grade, reconhecendo aquelle favor, e merce que lhe faziam, em lhe vir assistir à sua festa. E vendo-a aquelles religiosos, se admirarão da grande femosura, que mostrava, e do grande resplendor que vião em seu rosto. Voltou depois para a cama, e indo (ao parecer das que a vião) boa; posta na cama se achou na mesma debilidade, e fraqueza antecedente. Parece se reconhecco, e renovou aqui o milagre de Petronilla Virgem, filha do Apostolo S. Pedro; tendo saude sómente o tempo que foi necessario para consolar os que vinhão visitar a ella, e louvar nosso Senhor».

<sup>24</sup> Jorge de S. PAULO, *Epilogo e Compendio da Origem da Congregaçoão de S. João Evangelista...*, ms. cit., 590.

diz missa»<sup>25</sup>. Um culto interno — e tardio? —, mas, mesmo assim, significativo de um empenho na consagração oficial do seu *beato* para cuja causa uma das últimas contribuições literárias autónomas da sua Congregação terá sido a citada *Saphira Veneziana e Jacinto Portuguez*, em que o lóio Francisco de Santa Maria pouco mais faz que repetir — como outros: um Jorge Cardoso, por exemplo, — e um tanto mais ampolosamente, o que já tinha escrito e publicado Fr. Luis de Mértola trinta anos antes. A obra, se não tem qualquer originalidade, tem, pelo menos, a virtude da persistência...

E nesta ordem de ideias, convirá não esquecer que a *História da Vida Admiravel... da Madre Soror Brizida de Santo António*, ao ser publicada em 1701, deveria ter representado um contributo mais para manter viva a *fama sanctitatis* do *Beato António*, aliado ao testemunho, mesmo que indirecto, dos que ainda conviveram com gente que venerou o «santo» em vida, como, por exemplo, o da clarissa da Madre de Deus, Soror Maria Madalena de Jesus (c. 1617-1701), cujo pai, D. Henrique de Meneses, tinha sido curado de «huma perigosa enfermidade» pelas orações do próprio P. António no oratório da sua casa<sup>26</sup>.

As fontes impressas para a biografia e *fama sanctitatis post mortem* do *Beato António* como que se esgotam nas que já ficaram citadas, com principal relevo para o trabalho de Fr. Luis de Mértola que, além do processo — ou dos processos —, pôde contar com «hum compendio das cousas [do] servo de Deos» que lhe fizeram chegar<sup>27</sup> e que hoje não conhecemos... Manuscritas ficaram, como já se referiu, as páginas que Jorge de S. Paulo lhe dedicou no *Epílogo e Compendio...* Mas, tal como o P. Francisco de Santa Maria em *Saphira Veneziana... Jacinto Portuguez*, também o cronista pouco mais faz que resumir, quando não transcrever com uma ordem mais sistemática — que, aliás, o carmelita evitou, por razões que explica<sup>28</sup> —, o que também Fr. Luis de Mértola tinha já extratado dos processos, juntando-lhe, naturalmente, alguns casos milagrosos posteriores a

<sup>25</sup> Francisco de SANTA MARIA, *Saphira Veneziana e Jacinto Portuguez. Vida e morte. Heroicas virtudes, e maravilhas raras do gloriosissimo Protopatriarcha S. Lourenço Justiniano, e do Veneravel Padre Antonio da Conceição...*, Lisboa, 1677, 198.

<sup>26</sup> Jeronimo de BELÉM, *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves da Regular Observancia de Nosso Serafico Padre S. Francisco...*, Parte Terceira..., Lisboa, 1754, 15, 25, 384-385. Soror Madalena de Jesus afirma que «foi chamado a casa de seu pai o Veneravel Padre Antonio da Conceição, Conego Secular da Congregação de S. João Evangelista, para lhe assistir, e consolar no seu mal», o que, apesar de alguma dificuldade cronológica, parece significar que o caso deverá reportar-se a anos anteriores a 1600, já que depois de 1597 o Beato estava entevado e, ao parecer, apenas era levado à igreja para benzer os seus devotos.

<sup>27</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 118.

<sup>28</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do Padre António da Conceição...*, ed. cit., 118.



1625 — o último caso, como já aludimos, parece datar de 1652 — , nomeadamente o da doença do futuro Afonso VI e as respectivas certidões passadas pelos reis. Inéditas — e hoje desconhecidas — ficaram ainda a *Vida do Veneravel Padre Antonio da Conceição...* do lóio Belchior da Graça (†1650), a *Vida do Veneravel Padre Antonio da Conceição...* do P. Martinho de Mesquita e a *Vida do Veneravel Padre Antonio da Conceição...* do cisterciense Fr. Matias da Conceição (†1681)<sup>29</sup>, cujos títulos, se estão exactos, apenas parecem sugerir, na sua uniformidade e na variedade dos seus autores, a aceitação da *fama sanctitatis* do Beato e o desejo de contribuir para a consolidação da esperança da consagração oficial da sua beatificação. Uma consagração que se gorou ao suspender-se, em Roma, antes de 1754 — data em que Francisco de Santa Maria dá a notícia em *Anno Historico, Diario Portuguez, Noticia abreviada de pessoas grandes, e cousas notaveis de Portugal...* — as diligências que deviam fazer avançar uma causa que, ao parecer, tinha chegado «aos ultimos termos». De momento, glosando o diarista lóio, apenas podemos dizer que desse suspender-se as «causas não são do nosso assumpto»<sup>30</sup>...

II - Naturalmente, esta fama *post mortem* não era mais que a consequência e amplificação da *fama sanctitatis* de que gozou o P. António da Conceição em vida e que, durante algum tempo e nos mesmos círculos sociais, compartiu, ainda que as fontes o silenciem, com uma Soror Maria da Visitação... Como a dominicana da Anunciada, também o lóio de Xabregas foi, para os seus contemporâneos, um «santo vivo», um dos muitos que, mais ou menos fugazmente, cruzavam o céu europeu. Nesse número devemos ainda contar, como se esforça por provar Fr. Luis de Sousa na *Vida do Arcebispo*, Bartolomeu dos Mártires, outro contemporâneo do Beato... que, curiosamente — e, se calhar, infelizmente — não é costume considerar desde este ponto de vista.

De qualquer modo, a fama de santidade do Padre António da Conceição fundamentava-se não só na visibilidade das suas virtudes, mas também, e sobretudo, na espectacularidade do seu espírito profético e dos seus poderes taumatúrgicos. E se as suas virtudes, apesar de insofismáveis, deram, tal como a sua oração e ascese, origem a um discurso hagiográfico que tenta amplificar para edificação do leitor os poucos documentos disponíveis — nem sequer, como lamenta Fr. Luis de Mértola, a memória da própria ordem, a julgar pelos testemunhos dos seus membros que se

<sup>29</sup> Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, I, Lisboa, 1741 (aliás, Coimbra, 1956 ), 493, e III, Lisboa, 1752 (aliás, Coimbra, 1956), 442, 453.

<sup>30</sup> Francisco de SANTA MARIA, *Anno Historico, Diario Portuguez...*, II, Lisboa, 1744, 70-71.

conservam, parece ter registado esses aspectos fulcrais no percurso espiritual e nos processos da *fama sanctitatis* nos fins do século XVI —, o seu espírito profético — e, naturalmente, as circunstâncias históricas em que se manifestou — e os seus milagres em vida — talvez mais estes do que aquele — estão largamente documentados nas biografias do santo Ióio. Poderá mesmo dizer-se que o discurso hagiográfico em torno de António da Conceição — o de Luis de Mértola, de Jorge Cardoso, de Jorge de S. Paulo e de Francisco de Santa Maria —, carreando testemunhos, hipervaloriza esses dois aspectos que, em seus dias, fizeram do Cónego de S. João Evangelista um santo vivo. Como sempre, necessário, visível e disponível... , o que, mesmo que possamos pressentir alguma polémica através de alguns testemunhos, o consagrou como uma figura popular — em amplo e interclassista sentido — e, aliado a uma ostentatória ausência de fenómenos extraordinários<sup>31</sup>, lhe permitiu superar quer o circunstancialismo político dos fins do século XVI em Portugal marcado pela presença de Filipe II — e, depois, dos Filipes — desde 1580, quer o circunstancialismo «devoto», sempre marcado por desconfianças, mas que agora se viam reavivadas pelas pseudo-chagas e outros pseudo-fenómenos místicos de Soror Maria da Visitação.

Nascido c. 1522, em Pombal, estudante em Coimbra, e entrado na Congregação de S. João Evangelista, em Évora, em 1552, com 28 anos e já sacerdote, aí viveu vinte anos tão recolhido que nunca saía do convento, afirmações do seu primeiro biógrafo — e repetidas por todos — que, até certo ponto, podemos ver confirmadas pelo facto de raríssimos serem os testemunhos dos seus processos que o recordam nesses dias alentejanos. Nem sequer podemos afirmar que a estima que lhe há-de manifestar o arcebispo de Évora, D. Teotónio de Bragança, nos remeta para esses tempos<sup>32</sup>. Por razões que desconhecemos, passa a viver, depois de 1570, no

---

31 Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António a Conceição...*, ed. cit., 174 aponta o testemunho de António de Abreu Leite, morador em Pombal e parente por afinidade do *Beato*, em que afirma tê-lo visto, durante uma visita que lhe fez em Xabregas, «levantado em rapto da cama em que jazia por altura de palmo e meio, ou dous palmos por hum espaçozinho...», o que, pelas circunstâncias, haverá que situar depois de 1597.

32 Apesar de existirem dados seguros sobre as boas relações do P. António da Conceição com D. Teotónio de Bragança, arcebispo de Évora (1578-1602), tudo parece apontar, com base precisamente em tais dados, para que essas relações se tenham verificado depois da vinda do *Beato* para Xabregas... A primeira carta, hoje conhecida, que escreveu o P. António da Conceição ao arcebispo é posterior a Fevereiro de 1597, já que nela lhe apresenta os pêsames pela morte de D. Nuno Álvares Pereira de Melo, conde de Tentúgal (Carta de Filipe II de 20.5.1586), que faleceu em Évora em 28.2.1597; por outro lado, nessa mesma carta pede por um «sacerdote pobre e virtuoso» irmão do P. Inácio Martins, S. J.; ora este célebre jesuíta veio a falecer em 28.2.1598, e na carta não há qualquer indício de que se lhe refira como falecido. Tudo somado, a carta deverá ter sido escrita em 1597; a outra carta para o arcebispo, a propósito de

convento de S. Bento de Xabregas... Nada consta de qualquer empenho profético à volta de D. Sebastião e das suas idas à África... Curiosamente até, os seus biógrafos, que o dizem tão estimado por D. João III e D. Catarina de Áustria, guardam um absoluto — e estranho? — silêncio sobre as suas relações com D. Sebastião e o Cardeal-rei, ele que parece ter estado em boas relações com jesuítas do talante de um Inácio Martins ou, pelo menos, tê-lo admirado<sup>33</sup>, ainda que, ao lado de algum carmelita<sup>34</sup>, não encontremos qualquer membro dessa Ordem a testemunhar nos processos *in genere*... Nem dessa nem de qualquer outra ordem masculina... A sua biografia — a que nos interessa aqui, evidentemente — só começa depois desse ano de 1570, talvez melhor até, cerca de 1586, data, como veremos, do seu mais antigo milagre, ou, pelo menos, do mais antigo que é recordado nos seus processos.

Passemos a pobreza da sua cela<sup>35</sup> — o que há-de dar origem a que um Miguel de Moura corrija a sua severidade<sup>36</sup> —, tal como podemos passar

---

uma doença do prelado e das notícias em torno à sua vontade de renunciar ao arcebispado, data de 15.2.1601, carta esta que deve ser a resposta a uma do próprio arcebispo de 16.1.1601 e que vem publicada por Fr. Luis de Mértola entre as «certidões» de grandes senhores e prelados sobre a fama *sancitatis* do lóio; a própria oferta do *Camino de Perfección* da Madre Teresa de Jesus, supondo que o arcebispo lhe enviou a obra, cuja edição custeara, mal ela saíra a lume — o que ignoramos —, remete-nos para depois de 1583, quando o *Beato* se encontrava já em Lisboa há, pelo menos, 13 anos... Conf. Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 93-94, 91-92, 27-28, 176-177.

33 Não sabemos precisar o alcance do elogio que o P. António da Conceição faz do P. Inácio Martins, a quem chama «grande servo de Deos» — de ouvir dizer sobre a sua fama de pregador e de mestre de «doutrina»? de qualquer encontro que tiveram? —, mas o que é certo é que foi «por amor [dele]» que o *Beato* se dirigiu a D. Teotónio de Bragança pedindo que fizesse alguma mercê a esse seu irmão, «sacerdote pobre e virtuoso»; igual pedido tinha já dirigido à duquesa de Bragança, D. Catarina, em carta que poderá datar de fins de 1596 ou começos de 1597, pois aí se refere a visita que o duque D. Teodósio, filho de D. Catarina, lhe tinha feito — e fê-la em 1596 —, mas não alude à morte do conde de Tentúgal, parente e acompanhante da duquesa em alguma ocasião importante... Conf. Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 93, 104-105.

34 Fr. Francisco Pereira, carmelita de Moura, testemunhará no processo *in genere* do P. António da Conceição, recordando os tempos em que, moço de 12 anos, ajudava o P. António à missa e a leitura que o viu fazer do *Camino de Perfección* de Santa Teresa, livro que, como precisa, lhe fora oferecido por D. Teotónio de Bragança. Conf. Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 176-177.

35 Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 53 aponta que «... referem os Padres antigos da sua Ordem que tinha húa cella muito pobre, porque toda a sua alfaia era hum Crucifixo com húa imagem de nossa Senhora em papel e outras de vários santos tambem em papel; sua cama era pobrissima, e tanto que depois que caso [*sic. caiu?*] nella entrevado, magoado o irmão que o servia de ver, que nem o colchão tinha lã, nem as cobertas sustancia para aqueantar aquelle corpo velho, e enfermo, com a sua cama suprio esta falta trocando húa com a outra, porque o servo de Deos não queria que se pedisse cousa algũa para elle .Tinha mais na sua alfaia duas camisas velhas, duas carapussas, e dous, ou tres lenços de linho grosso tudo metido em húa canastra velha e rota».

36 Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 54: «Não se descuidou com tudo Miguel de Moura sendo Governador, o qual vindoo visitar a sua cella, e

qualquer reflexão sobre as suas virtudes — o seu primeiro biógrafo, como disemos, viu-se obrigado, por entre declarações de dificuldades a discorrer pelas que, com base em algum *fait divers*<sup>37</sup>, deveria possuir em grau heróico, como exigiam as regras para a beatificação<sup>38</sup> — e sobre as suas práticas ascéticas. Aceitação das dores e da doença que padeceu depois de velho e que sofria sem qualquer queixume parece ser tudo o que se conseguiu apurar, já que «de cilícios e disciplinas não referem os testemunhos cousa algũa»<sup>39</sup>... Certamente, Fr. Luis de Mértola não pensaria que o seu leitor acreditasse que esse silêncio se podia explicar «porque devia usar disto com muito segredo, e cautela»... Qualquer leitor de vidas de santos conhecia bem as indiscrições que referem para apurar — muitas vezes *in flagrante* — as suas penitências... Da sua *ars orandi* pouco mais sabemos que o seu apego à oração vocal — um apego que o seu primeiro biógrafo valoriza por comparação com um carmelita, seu confrade, Fr. Estêvão da Purificação, de quem também escreveu a vida<sup>40</sup> —, e nada sabemos sobre a sua preparação para dizer missa<sup>41</sup>... Há, contudo, vários testemunhos que acentuam a sua devoção em celebrar, embora Fr. Luis de Mértola, interpretando, seguramente, relatos que nos escapam, nos diga, assinalando-o como uma pauta ideal, que «o tempo que elle gastava no dizer missa não era tanto que pudesse enfastiar aos ouvintes...». Aos ouvintes seus devotos, naturalmente, pois aos outros «poderia parecer algum tanto

julgando que padecia muito frio por ser tempo de Inverno lhe mandou fazer hum defensivo a modo de Pavelhão de bacta, e lhe deu hum cobertor, e por suas proprias mãos lhe punha na cabeça as carapussas que no seyo lhe trazia».

<sup>37</sup> Fr. Luis de Mértola, perante a pobreza do material de que pôde dispor — os extractos dos processos parecem denunciar uma absorvente preocupação pelas graças e milagres —, viu-se, efectivamente, obrigado a interpretar algum acontecimento não muito relevante em sentido demonstrativo de alguma virtude em particular. Um exemplo do que acabamos de dizer pode ver-se nos comentários que tece sobre a obediência e humildade do *Beato*, apoiado na repreensão que, em capítulo, lhe deu o seu prelado por ter aceitado vir de Sacavém a Xabregas na liteira de Miguel de Moura num dia em que, por causa do temporal, não se podia fazer o caminho por mar... Conf. Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 59-60.

<sup>38</sup> R. De MAIO, *L'Ideale Eroico della Santità nella Crontroriforma in Società, Chiesa e Vita Religiosa nell'ancien Régime* (a cura di Carla Russo), s. a., s. I. (Napoli, 1976) 285-308.

<sup>39</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 80.

<sup>40</sup> Fr. Luis de Mértola com o seu nome de religião de Luis da Apresentação (ou Apresentação) escreveu a *Vida e Morte do P. Fr. Estevam da Purificação, Religioso da Ordem de Nossa Senhora do Carmo*, Lisboa, 1621 e a esta obra faz referência na «biografia» do P. António da Conceição a propósito da oração vocal que ambos intensamente praticavam. Conf. Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 75.

<sup>41</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 68.

comprido»<sup>42</sup>. Curiosamente, apenas uma testemunha — o carmelita Fr. Francisco Pereira —, recordando os seus tempos de criança, declara tê-lo visto «por muitas vezes na Missa estar chorando, e outras vezes rindo, e quando dizia as palavras da Consagração o via ficar muito mais fermoso do que dantes era...»<sup>43</sup>. Apesar de Fr. Luis de Mértola tentar orientar o seu discurso hagiográfico nesse sentido, parece um tanto violento relacionar estas lágrimas com as que derramavam outros santos — por exemplo, Santo Inácio de Loyola<sup>44</sup> — ao celebrarem missa. As lágrimas e o riso do Padre António da Conceição devem, segundo cremos, ser postas em relação, antes de mais, com as «grandes inteligências» que lhe eram comunicadas durante a celebração, isto é, com o espírito de profecia que, então, se manifestava<sup>45</sup>. Pelo menos, como havemos de ver, um dos momentos mais célebres em que se verificou o seu espírito profético — o do perigo iminente que pendia sobre os cabouqueiros da igreja nova do convento de Xabregas — teve, precisamente, lugar durante a celebração da missa. De certo modo, o mesmo poderia dizer-se sobre o abandono do desejo de se passar para a cartuxa, pois a tal renunciou depois de dizer missa<sup>46</sup>.... De resto, como certificava, em 1625, D. Fernão Martins de Mascarenhas<sup>47</sup>, e se pode aceitavelmente deduzir de alguns testemunhos, confessava muita gente. Gostaríamos até de saber — mas, estamos em crer que nunca o lograremos com certeza — o que queria dizer o Inquisidor Geral quando, louvando a sua assistência no confessionário em Lisboa e as conversões que aí conseguia, ponderava, com expressão que remete, directamente, para a linguagem inquisitorial, que o P. António «procurava reduzir aos cúmplices»...

III - Apesar de muitos dos factos e circunstâncias da vida do *Beato* António que até aqui apontamos serem referíveis à sua existência entre 1552 — ano da sua entrada nos Lóios em Évora — e 1602 — ano em que morre —, convirá sublinhar que, como já aludimos, o período eborense (1552-1570) da sua vida se caracteriza, de acordo com as fontes actualmente disponíveis, por um severo recolhimento, isto é, por uma rigorosa clausura voluntária. E embora ignoremos as razões por que um tão recolhido sujeito passou a Lisboa em 1570, nada custa pensar, perante o silêncio das fontes e interpretação dos seus biógrafos, que, mesmo em Xabregas, terá continuado

<sup>42</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 67.

<sup>43</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 177.

<sup>44</sup> José de Guibert, S. J., *La Espiritualidad de la Compañía de Jesús*, Santander, 1955, 34-35.

<sup>45</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 66.

<sup>46</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 166-167.

<sup>47</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 23.

a observar esse recolhimento, que, inclusivamente, o afastou de qualquer cargo de governo na sua ordem<sup>48</sup>... Com efeito, teremos de esperar até 1586 para o ver sair do seu convento, momento que está relacionado com as circunstâncias do seu primeiro milagre — a cura do 4º conde de Atouguia, João Gonçalves de Ataíde — e sua primeira profecia — a da certeza que o conde se curaria e, mais, viveria muitos anos, deixando numerosa descendência<sup>49</sup>... Apesar da condessa de Atouguia<sup>50</sup>, mulher do conde João Gonçalves, declarar, em 1607, que mandara «chamar ao Padre António da Conceição pela grande opinião que tinha de sua sanctidade»<sup>51</sup> — o que poderá insinuar que a sua fama já corria por essas datas — essa é a graça mais antiga, alcançada por intermédio da sua oração, que registam todas as fontes. Não deixa de ser curioso que o primeiro milagre — a palavra é do testemunho dos médicos, segundo transcreve o hagiógrafo<sup>52</sup> — revele logo o taumaturgo e o profeta. E, notemos a circunstância, fora do convento. Poderá ter sido até essa dupla dimensão que chamou a atenção do Vice-rei, cardeal Alberto, pois «mandou a António de Mendonça que se informasse do caso»<sup>53</sup>. Curiosamente, como tantas vezes acontece nos relatos hagiográficos da época moderna<sup>54</sup>, não se explora o resultado dessa informação — que há que pressupor altamente favorável —, e, tanto quanto sabemos, também a Inquisição não parece ter voltado a ocupar-se do P. António. Aliás, D. Fernão Martins de Mascarenhas, que o «[conheceu] muito bem», há-de declarar, em 1625, sendo inquisidor geral, ter «por cousa certa honrar Sua

48 Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 17-18: «Bem he verdade — escreve Luis de Mértola — que teve hũa presidencia em hum Capitulo gèral de sua Ordem, mas de tal modo a teve, que nem elle a procurou, nem soube porque via lhe veio tal honra como esta, nem que tal eleição se fizesse em sua pessoa, e he officio este que não dura mais, que em quanto dura o Capitulo geral...».

49 Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 119, 121.

50 Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 119: a condessa de Atouguia era D. Maria de Castro, filha de Martim Afonso de Castro, camareiro do Cardeal-Rei.

51 Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 119.

52 Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 122.

53 Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 121-122. O inquisidor António de Mendonça interveio no processo contra Soror Maria da Visitação (Álvaro HUERGA, *Estudio Preliminar* de Fr. Luis de Granada, *Historia de Sor Maria de la Visitación y Sermón de las Caídas Públicas*, Barcelona, 1962, 53, 57, *et passim*, bem como no de Ana Rodrigues, conforme se vê na sentença que traz Pero Roiz Soares, *Memorial* (Ed. de M. Lopes de Almeida), Coimbra, 1956, 285.

54 Um bom exemplo do que acabamos de sugerir — e apenas sugerir — pode ser a *Historia da Vida Admiravel e Acções Prodigiosas da Veneravel Madre Soror Brizida de Santo Antonio*, pois, tendo sido a brigitina alvo de controle inquisitorial — v.g. por meio do Doutor Pantaleão Rodrigues Pacheco e do P. António da Conceição, O. SS.T. —, tal facto, apesar do seu resultado ser tão favorável, não tem praticamente ressonância nessa biografia.

Santidade este venerável Padre com a beatificação que o mundo todo espera»<sup>55</sup>...

Seria, por outro lado, interessante poder vir a precisar melhor a data — dia e mês — destes factos, pois o conde adoeceu logo depois de chegar de Castela. Antes ou depois de ter sido feito conde por Filipe II nesse ano de 1586? De qualquer modo, a personagem do conde, as circunstâncias da sua doença — logo depois de ter vindo de Espanha —, o interesse do cardeal Alberto remetem-nos imediatamente para as circunstâncias dos primeiros vinte anos da monarquia dual e, como veremos, muito particularmente para os dias do governo do cardeal (1583-1593) e, depois, para o tempo dos Governadores (1593-1600). Infelizmente, não podemos datar «a grande esmola» que, como recordará o *Beato*, lhe enviou Cristovão de Moura para as obras da igreja nova de S. Bento<sup>56</sup>... Seguramente, depois de 1592, isto é, não pelos mesmos anos em que o futuro vice-rei procurava relíquias — não importava que falsas... — para a igreja do convento que, depois da explosão dos barris de pólvora em Lisboa (Santos-o-Velho), em 1576, Miguel de Moura e sua mulher tinham erguido em Sacavém<sup>57</sup>...

Aceitemos, com as mesmas dúvidas que o seu primeiro biógrafo, que o duque de Alba, D. Fernando Álvarez de Toledo, o comandante das forças que prepararam a rendição definitiva de Portugal a Filipe II — ou, se preferirmos, por Filipe I —, falecido em Tomar em 1582, visitou Fr. António na sua cela de Xabregas<sup>58</sup>. Tal visita em nada nos admiraria, se nos lembrarmos que o duque era confessado, desde que chegou a Portugal, de Fr. Luis de Granada<sup>59</sup>, esse santo varão que tantos santos vivos admirou. E, ao

---

<sup>55</sup> Luis de MÉRTOla, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 23.

<sup>56</sup> Luis de MÉRTOla, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 101; em carta ao Vice-rei (1600? 1601?) escreve o *Beato*: «Mui bem lembrado estou da grande esmola que V.S. me mandou dar para esta nova Igreja de São Bento, e cada dia peço a satisfação com premios de gloria no ceo...».

<sup>57</sup> Estranhamente, P. Roiz Soares na página que dedica a esta explosão, lembra-se de algumas vítimas — uma delas morta quando se confessava —, mas não se lembra da mulher de Miguel de Moura, D. Beatriz da Costa, que escapou ilesa, apesar de estar a vestir as imagens do presépio, milagre que levou os Mouras a erguerem o mosteiro de Sacavém. Queiroz VELLOSO, *O Reinado do Cardeal D. Henrique*, Lisboa, 1946, 161-162 narra, transcrevendo a correspondência trocada com Filipe II a tal propósito, este quase picaresco lance de Cristovão de Moura, que Francisco CAEIRO, *O Arquiduque Alberto de Áustria*, Lisboa, 1961, 124, também refere, mas dando algum matiz à narrativa que não se deduz dos documentos que Queiroz Velloso apresenta e que o autor cita. De acordo com D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, III, ed. cit. 478, Miguel de Moura escreveu uma *Relação da Fundação do Convento de N. S. dos Martyres, de Religiosas da primeira Regra de Santa Clara situado no lugar de Sacavem fundação sua*.

<sup>58</sup> Luis de MÉRTOla, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 30.

<sup>59</sup> Maria Idalina Resina RODRIGUES, *Fray Luis de Granada y la Literatura de Espiritualidad en Portugal (1554-1632)*, Madrid, 1988, 647.

parecer, também terá admirado a santidade do P. António da Conceição. Com efeito, Fr. Luis de Granada teria sido uma das visitas do *Beato*, classificando-o perante o mundo como *un santo que lo es, y lo parece*<sup>60</sup>... Se assim tiver sido — e não custa muito aceitar que assim tenha sido — poderá, então, admitir-se que, tal como no caso de Soror Maria da Visitação<sup>61</sup>, talvez não terá sido Fr. Luis de Granada alheio ao interesse que mostrou o cardeal Alberto pelo «caso» do P. António da Conceição. Com efeito, se o milagre da cura do conde de Atouguia e a profecia que o envolvia eram, por si sós, bastantes para atrair a atenção do cardeal inquisidor e vice-rei, convirá não esquecer que este, cujo confessor era o dominicano Fr. Juan de las Cuevas, para lá de algumas dificuldades surgidas no governo dos dominicanos portugueses com Filipe II depois da sua entrada em Portugal<sup>62</sup>, mantinha as melhores relações com Fr. Luis de Granada que, como se sabe, lhe dedicou a quinta parte da *Introducción al Simbolo de la Fé* e a *Vida del Cardenal D. Enrique*<sup>63</sup>, ambas aparecidas no ano da sua morte (1588). De qualquer modo, é uma lástima que não possamos datar com precisão — depois de 1586? — a visita que fez o vice-rei ao *Beato*, visita em que, a acreditar nos seus biógrafos — como lhes constava «de certo», por testemunho do lóio P. António do Espírito Santo — «lhe falou muito devagar e [...] sempre o cardeal teve o barrete na mão, e lhe falou em pé, sem já mais se cobrir», saindo da entrevista «com os olhos chorosos»<sup>64</sup>. Apesar dos principais testemunhos desta visita serem gente da casa e da devoção do *Beato*, parece aceitável conceder-lhes crédito, já que, mais tarde, em 1626, o duque de Bragança, D. Teodósio, que também há-de visitar o P. António, recordará que «em tempo do Archeduke Alberto, me disserão algúas pessoas ecclesiasticas, que elle o tinha por de tanta virtude que se lhe mandava encommendar em suas orações e tratar alguns negocios com elle por esse respeito...»<sup>65</sup>. Outros, pelas mesmas datas, virão a dizer, traduzindo a consideração do cardeal pela «tanta virtude» de António da Conceição, que

<sup>60</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 14, dá a informação, mas não aponta qualquer testemunho ou fonte que a suporte; no contexto desses anos e das personagens envolvidas é, porém, notícia verosímil.

<sup>61</sup> Maria Idalina Resina RODRIGUES, *Fray Luis de Granada y la Literatura de Espiritualidad en Portugal (1554-1632)*, ed. cit., 552 n.º 152, e 646.

<sup>62</sup> V. BELTRÁN DE HEREDIA, *El Intercambio Hispano-Lusitano en la Historia de la Orden de Predicadores*, in *Miscelanea Beltrán de Heredia*, I, Salamanca, 1972, 103-130 (120-121); Maria Idalina Resina RODRIGUES, *Fray Luis de Granada y la Literatura de Espiritualidad en Portugal (1554-1632)*, ed. cit., 646 lembra a visita de Filipe II à cela de Fr. Luis de Granada.

<sup>63</sup> Maria Idalina Resina RODRIGUES, *Fray Luis de Granada y la Literatura de Espiritualidad en Portugal (1554-1632)*, ed. cit., 407.

<sup>64</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 14.

<sup>65</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 26.



ele o «respeitava, e tratava como santo»<sup>66</sup>. É certo que também, por estas datas, tratava como santa a Maria da Visitação<sup>67</sup>... Convirá, contudo, recordar que o cardeal «o comunicava em materias de muita importancia por via de Miguel de Moura»<sup>68</sup>. E Miguel de Moura, quando for um do cinco Governadores que ficaram depois da partida de Alberto de Áustria (1593), continuará, como veremos, a consultá-lo e, em algum caso — como no do alvo da armada inglesa de 1596 —, a pedir-lhe que profetize...

É, precisamente, dentro deste quadro que convirá destacar, pela sua inegável e complexa dimensão política, pelas forças e esforços militares envolvidos e, ainda, pelas suas repercussões sociais — e não apenas no imediato quotidiano —, os ataques ingleses aos portos portugueses, acções em que a oposição à política espanhola se misturava o tático — e interesseiro — apoio ao Prior do Crato. O que foram esses anos — em esforço e em pânico — dizem-no, quase no seu dia a dia, as páginas do *Memorial* de Pero Roiz Soares que, evidentemente, não esquecem a partida de Belém, em 27.5.1588, da *Invencível*<sup>69</sup>. É a moldura em que a presença profética — tranquilizadora, como convinha — do *Beato* ganhará visibilidade. A partir, especialmente, de 1586, a pressão inglesa sobre os portos portugueses tornou-se nessa realidade que trazia em constante sobressalto não só o reino — e, em especial, o Algarve —, mas, muito naturalmente, Lisboa que, a estarmos por Roiz Soares se vinha, por esse motivo e pela sua situação de porto estratégico, tornando de corte que fora em grande quartel, um quartel em quase permanente aumento de efectivos e em quase permanente alerta. Aos espíões havia que juntar os profetas, como deixa perceber Pero Roiz Soares, autor que, apesar de tão bem informado sobre sinais e profecias que corriam na Península, não se refere ao P. António... É certo, porém, que as que vai apontando nas páginas das suas memórias são sempre desfavoráveis a Castela... Contudo, nas páginas da vida do P. António da Conceição escrita por Fr. Luis de Mértola há quatro testemunhos autorizados que apontam para profecias suas relacionadas com o quadro político-social que acabamos de evocar. O Lic.do Francisco Tavares, Vigário de Santa Cruz de Santarém, refere que, a pedido de D. Beatriz de Vilhena, perguntou ao *Beato* «no tempo em que os Ingreses derão no Algarve, se se partiria ella, e suas filhas, e casa para Évora, ficando seus filhos em Lisboa, por quanto era cousa certa, que os Ingreses estavam no

<sup>66</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 133.

<sup>67</sup> Álvaro HUERGA, *Estudio Preliminar* de Fr. Luis de Granada, *Historia de Sor Maria de la Visitación y Sermón de las Caidas Públicas...*, ed. cit., 31.

<sup>68</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 133.

<sup>69</sup> P. Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 257.

Algarve, e se dizia haverem de vir para esta Cidade, e que pareciam já algüas vellas no Cabo de S. Vicente...»<sup>70</sup>. A resposta do lóio foi «que se quietasse, e não temesse, nem se partisse para Évora, que não havia para quê...»<sup>71</sup>. Destas palavras, o Vigário de Santa Cruz de Santarém «ficou entendendo não haverem os Ingreses de entrar na Cidade, como de feito não entrarão»<sup>72</sup>. Assim o terá entendido também a dama lisboeta... Não é muito fácil determinar, com precisão, a que ataque da armada inglesa aos portos do Algarve e quase consequente ameaça de ataque a Lisboa devem ser referidas a profecia do *Beato*. Em 1587, depois do primeiro grande assalto a Cádiz, F. Drake entrou em Lagos..., atacou Sagres..., veio a Cascais... — donde escreveu uma carta ao marquês de Santa Cruz «com muitas fomfarrias e atrevimentos...»<sup>73</sup>, voltou ao Algarve..., tornou a Cascais<sup>74</sup>... E não entrou em Lisboa... Também, em sentido estricto, também não chegaram a entrar em Lisboa os ingleses que, em Junho de 1589, num primeiro desafio depois da *Invencível*, apoiando o Prior do Crato, desembarcaram em Peniche e chegaram às portas da capital... E haverá ainda que ter em conta os rebates da sua vinda — de novo em Dezembro de 1589..., em 1590..., 1592..., 1594... — , rebates que chegavam para levarem muitos a despejar a cidade... Nesse Dezembro de 1589, «chegou a tanto a serteza disto que se tornou a despejar a cidade de tal maneira que foy necessario irse a camara ao cardeal se tinha algüas novas disso...»<sup>75</sup>. Em qualquer destas ocasiões poderia ter-se verificado a profecia do P. António... E estas seguranças não teriam sido apenas comunicadas a uma D. Beatriz de Vilhena... Em outra ocasião também «o Padre Hieronymo da Madre de Deos, religioso da mesma Ordem de S. João Evangelista jurou que hum Padre chamado Balthazar de Christo, lhe dissera, e a muitos religiosos outros, que antes dos Ingreses virem a este Reyno, e sendo elle Prelado do Convento de São Bento, indo vizitando o dormitorio da meya noite, para húa hora, passando pella cella do Padre Antonio da Conceição lhe ouviu dar hum suspiro, e entrando dentro o vio estar em pè todo banhado em lagrimas, e affligido: perguntandolhe o que tinha recusou dizerlho, pelo que lhe mandou por obediencia lho dissesse, obrigado da qual elle lhe respondeo que diria com condição que se não publicasse em sua vida; o Prelado lho prometeo assi, e o servo de Deos disse então que os Ingreses havião de vir a este Reyno, mas que não farião mal, o

<sup>70</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 141.

<sup>71</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 141.

<sup>72</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 141.

<sup>73</sup> P. Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 238.

<sup>74</sup> P. Roiz Soares, *Memorial*, ed. cit., 238-239.

<sup>75</sup> P. Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 294.

que assi succedeo dahi a alguns meses»<sup>76</sup>. Na sua relativa imprecisão — ainda mais a segunda que a primeira, se não tomarmos o Reino por Lisboa... —, as duas profecias — neste sentido se orientavam as testemunhas — poderiam dizer respeito a um mesmo momento desses anos depois de 1586. E no entanto, estamos em crer que as palavras tranquilizadoras que enviou a D. Beatriz devem ser referidas, tal como as outras suas de igual sentido que acabou por revelar o P. Baltasar de Cristo, aos acontecimentos que envolveram a grande armada que em 1596, depois de ter assaltado Cádiz, passou, sem entrar na barra, pelo Cabo de S. Vicente... Desde «a entrada do anno de 1595 — informa P. Roiz Soares — se comesou de certificar que os Ingressses armavão para vir a Portugal...», o que, agravado pela toma de Calais pelo arquiduque Alberto em fins de Abril de 1596, determinou não apenas novos e mais intensos preparativos militares, mas também que «a Redea Solta Comesarão grandes e pequenos altos E baxos a despeiar fazendas molheres e filhos chegando a não aver ia quem ouvesse barca nem andas nem cavalgadura por nenhum dinheiro»<sup>77</sup>... Aos Governadores, tendo enviado «correos com cartas a todos os fidalgos do reino bispos e Arcebispos senhores Condes duque de bragança e daveiro que todos se fizessem prestes com a mais gente que pudessem ...»<sup>78</sup>, «aos 28 de Junho veyo nova de hũa escoadra de velas que ia erão passadas para o cabo de sam Vicente o qual dia sacabou de despeiar a cidade toda...»<sup>79</sup>. Nada admira que o então governador Miguel de Moura, que, por vários testemunhos sabemos já ter servido de intermediário entre o cardeal Alberto e o *Beato*, entre as « cousas de importancia » que lhe comunicava, lhe tenha perguntado se, « estando aparelhada em Inglaterra hũa armada sem se saber de certo a parte onde havia de ir dar temendose que viesse para este Reyno, por cartas que tinha de Sua Magestade », tal armada viria a Lisboa... Apesar de categórica — « que tivesse confiança em Deos, e podia estar seguro, que não havia a armada de vir dar a Portugal » —, Miguel de Moura, incrédulo perante avisos e preparativos, volta a interrogar o profeta, recebendo, agora por escrito, a segurança de que « a armada não avia de entrar em Portugal... »<sup>80</sup>. Quem o afirma, por que « vio e leo esta resposta do Padre », é o Gonçalo Pires de Carvalho, grande amigo de Miguel de Moura e, como ele, não

---

<sup>76</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição ...*, ed. cit., 153; Francisco de SANTA MARIA, *Ceo Aberto na Terra. Historia das Sagradas Congregações dos Conegos Seculares de S. João Evangelista*, Lisboa, 1697, 1059.

<sup>77</sup> P. Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 322.

<sup>78</sup> P. Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 323.

<sup>79</sup> P. Roiz SOARES, *Memorial*, ed. cit., 323.

<sup>80</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição ...*, ed. cit., 133.

menos devoto do *Beato*<sup>81</sup>... Em 1625, no seu testemunho, o duque de Bragança que, na sequência dessa ordem dos Governadores, entrou em Lisboa em 20 de Julho de 1596, não só confirmará que «lhe comunicava Miguel de Moura, sendo hum dos Governadores deste Reyno, muitos negocios de consideração, que naquelle tempo houve», mas também recordará que «indo ao convento de S. Bento de Enxobregas, onde estava lhe falei particularmente dizendolhe que me encomendasse a Deos, naquelle tempo que era de receos de guerra, por terem os Ingrezes tomado Cadiz...»<sup>82</sup>. As palavras do duque, se não aludem a qualquer certeza sobre o desenvolvimento desses «receos de guerra», confirmam plenamente o crédito de santidade de que gozava o padre lóio, crédito para que o seu halo de profeta tranquilizador e de atendido intercessor em um contexto tão difícil política e socialmente — baste pensar agora na carestia de vida a que constantemente alude Roiz Soares — não deixaria de contribuir.

Infelizmente, não podemos precisar em que se traduzia a veneração que o conde de Santa Cruz, outro dos Governadores do reino, lhe manifestava, pois o seu filho, que veio a ser do Conselho de Estado e capitão-mor dos Ginetes em tempos de Filipe IV, não afirma mais, no seu testemunho de 16.7.1625, que a seu pai viu «fazerlhe então e sempre a mesma veneração»<sup>83</sup>. De todos os modos, parece, hoje por hoje, ser aceitável pensar que a classe política desses anos, do Vice-rei aos Governadores, fez do *Beato* António um conselheiro e um profeta... Como o tinha feito de Soror Maria da Visitação... Será, portanto, nesta linha de uma busca de certezas para uma política e para uma aventura de guerra que haverá ainda que ler a visita «com muitas fidalguias» do duque de Medina Sidónia, general da *Invencível*, ao *Beato*..., um profeta e «santo vivo» que, neste momento (1588), nos poderia aparecer como um «concorrente» de Soror Maria da Visitação? Não sabemos, mas o silêncio do Padre António — ou o dos seus biógrafos, se o houve — não terá deixado de o favorecer, ainda que não se possa deixar de estranhar a ausência de qualquer alusão a tal assunto. Será, então, ousado sugerir que o *Beato*, depois da «queda» da priora da Anunciada (sentenciada em 6.12.1588) poderá ter funcionado como um seu substituto<sup>84</sup>? Sem qualquer espectacularidade — a não ser a dos seus ritos e

<sup>81</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 132, 133.

<sup>82</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 26-27; o P. António da Conceição menciona, em termos elogiosos, esta visita na carta que escreveu a D. Catarina de Bragança.

<sup>83</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 24.

<sup>84</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 110-115 traz três cartas dirigidas ao conde de Linhares, à condessa sua mulher, e à condessa velha e, por isso, valha o que valer a coincidência, as irmãs do conde tiveram um papel relevante na queda de

a das gentes que a ele recorriam — o Padre António da Conceição era, como temos vindo a sugerir, o santo de que todos necessitavam nesses vinte anos (números redondos) conturbados — os últimos do século e os últimos de Filipe II... Curiosamente, dir-se-ia que os profetas das catástrofes tinham passado. Temporariamente, pelo menos, iam-se adiando as profecias que Roiz Soares foi recolhendo e de que encheu as páginas do seu *Memorial*.

O espírito profético do *Beato* não se manifestava apenas em torno da política e da guerra... Alguns dos seus devotos mereceram que os avisasse de perigos e de dificuldades que lhes diziam respeito. Assim, a D. Isabel Henriques, mulher do Comendador-mor, D. Dinis de Lencastre, preveniu-a, por escrito, de que a peste — provavelmente no tempo da chamada «peste pequena» de 1598-1603 — rondava a sua casa, pelo que devia abandoná-la imediatamente. E ao outro dia, depois de cinco casos de peste verificados nessa mesma noite do aviso, o P. António, em pessoa, obrigou Isabel Henriques a abandonar a casa<sup>85</sup>... Gostaríamos de saber se também Miguel de Moura foi outro dos «avisados», pois sabemos que, por causa da peste, estava retirado em Sacavém aonde mandou chamar o *Beato*<sup>86</sup>... E na mesma casa dessa dama morava outra dona viúva, Isabel Ribeiro, que tendo falado ao *Beato* em «hum negocio de muita importancia» que, «bem assombrado», parecia ir a caminho de uma solução favorável, foi, logo, por ele prevenida de que não valia a pena cansar-se com tal pretensão... Confirmado o desengano, jurou Isabel Ribeiro que deste caso «ficou collegindo ter o Padre espiritu de profecia»<sup>87</sup>... Também a Martim de Castro do Rio, além de lhe ter «prognosticado» «algũas cousas que estavam por vir secretas, que se não podiam dizer», mas que «elle depois vio succeder assi», profetizou-lhe, apesar do fidalgo-poeta andar «dezenganado dos Ministros de ElRey», que uma dívida de «vinte mil cruzados de Pimenta» que lhe devia o rei, lhe seria integral e rapidamente paga<sup>88</sup>...

A estes «avisos» sem data haverá que juntar, não apenas algum caso de descoberta do que ia no coração de alguém<sup>89</sup>, mas ainda essas outras «grandes inteligencias» que, como já recordamos, recebia durante a missa. Uma delas, e, apesar do plural utilizado, a única do género que aponta Fr. Luis de Mértola, disse respeito à revelação que recebeu do perigo de vida iminente que corriam os cabouqueiros que trabalhavam na construção dos

---

Maria da Visitação, como assinala Álvaro HUERGA, *Estudio Preliminar* de Fr. Luis de Granada, *Historia de Sor Maria de la Visitación y Sermón de las Cuidas Públicas...*, ed. cit., 38

<sup>85</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 130.

<sup>86</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 59.

<sup>87</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 145.

<sup>88</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 131.

<sup>89</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 167.

alicerces da igreja nova de S. Bento de Xabregas. Terminada a missa, todo trememente, de bordão na mão — andaria então pelos 70 anos —, dirige-se às obras e manda sair os trabalhadores. Imediatamente, desabou a pedra<sup>90</sup>. O caso terá sido dos que maior ressonância terá conferido à santidade do P. António da Conceição, pois, além de um dos cabouqueiros, Baltasar Fernandes, que ainda em 1625 testemunhará sobre essa «particular revelação» que lhe salvou a vida<sup>91</sup>, e de um antigo criado de D. João Coutinho que, por levar um recado ao *Beato*, veio a estar presente ao caso<sup>92</sup>, haverá ainda a referir os que testemunham «de ouvida» sobre o milagre que «publicou» o seu espírito de profecia, como essa D. Paula Grinalda [Grinaldi? Grimaldi?]<sup>93</sup> que faz parte de uma família de grandes devotos do padre lóio a quem conheceram pessoalmente<sup>94</sup>. O seu testemunho é-nos, assim, precioso para insinuar a ressonância desse caso, bem como de um outro — não, porém, revelador do espírito de profecia do P. António — também relacionado com as obras da igreja.

Este caso dos cabouqueiros, se pode servir para encerrar os testemunhos sobre o espírito de profecia que tinha o padre lóio, também permite sugerir agora que a sua *fama sanctitatis* em vida se desenvolveu a partir desses anos em que com «sete tostões que [lhe] derão de hūas Missas» — assim o escreverá a D. Fernando de Noronha, conde de Linhares, oferecendo-lhe que tomasse à sua conta a construção da capela mor<sup>95</sup> — se abalançou à construção da igreja nova do seu convento. Com efeito, o caso dos cabouqueiros quer pelo tipo de trabalho quer pelas suas circunstâncias parece remeter, com alta probabilidade, para os primeiros anos das obras da construção do templo... Haverá ainda a testemunhar um antigo boieiro, Pedro Gomes, então morador em Barcelos, que, durante quatro anos, trabalhou nos carretos da pedra<sup>96</sup>... A ser assim, esses testemunhos

<sup>90</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 66, 150-151.

<sup>91</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 150.

<sup>92</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 155.

<sup>93</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 136.

<sup>94</sup> Estevão Lercaro que «tinha alto conceito da virtude deste Padre» [António da Conceição] e, por experiência pessoal, entendia «serem certas as maravilhas que se dizião», estava casado com D. Paula Grinalda, e D. Maria de Lercaro, sua filha, que fora curada pelo P. António, era casada com Iacome Spinola que, antes de partir para as Índias de Castela «reccando a viagem do mar, por ser inverno, como por haver muitos ladrões no mar, se foy ter com o Padre Antonio da Conceição, o qual estava doente na sua cella, e mandou que puzessem o Navio no mar em parte onde elle o pudesse ver; e tanto que o Navio foy anchorado defronte do Mosteiro, disse que o levantassem da cama, e assi se fez pondoo em hūa cadeira na jancla da cella, donde vio o dito navio, e lhe botou hūa benção [dizendo-lhe] que partisse com muita confiança, e animo, que havia de ir a salvamento...». Conf. Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 136-137.

<sup>95</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 111.

<sup>96</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 175.

remetem-nos para depois de 1592... A própria acção do *Beato* como «guia espiritual» — uma dimensão que, a julgar pelo que dela nos chegou, terá sido pouco mais que discreta<sup>97</sup> — só deverá ter-se iniciado por esses anos posteriores ao arranque das obras da igreja nova de S. Bento. Com efeito, deveremos recordar que a primeira «filha espiritual» do *Beato* foi Soror Brígida de Santo António, que, apesar de sua mãe, D. Isabel de Mendanha, ser muito devota do lóio<sup>98</sup>, só em 1594 «chegou à [sua] notícia [...] a fama das grandes virtudes do Veneravel Padre»<sup>99</sup>... O próprio Fr. João de Vasconcelos, O. P., que, segundo o agostinho descalço Fr. Agostinho de Santa Maria, terá sido o primeiro «filho espiritual» do *Beato* António, só o conhecerá ainda mais tarde, pois nasce em 1590<sup>100</sup>... Um outro milagre, referido, embora com alguma variante, por várias tetemunhas, sobre a queda que um trabalhador das obras de S. Bento deu «de hũa janela abaixo da altura de quatro braças [...] e o pedreiro não teve mal algum de consideração, e brevemente tornou a trabalhar...»<sup>101</sup>, tem de colocar-se igualmente depois de 1592 e pelo estado avançado da construção — já há janelas — poderia dizer-se posterior a 1594... E esta aura milagrosa que parece envolver, por estes anos, as obras da construção dessa igreja surge ainda sublinhada pelo milagre do peixe desejado pelos trabalhadores para o jantar e que, tendo dito o P. António «poderoso he nosso Senhor para tudo», logo saltou dentre as pedras<sup>102</sup>...

Por tudo isto, estaríamos em dizer que a sua fama, apesar de datar, como vimos, já de 1586 — esperemos que a data esteja certa —, se tornou pública e se consolidou ao ritmo da construção da nova igreja do convento dos lóios de Xabregas... E se, como cremos, às profecias sobre o destino das armadas inglesas houver que situá-las, na sua maior incidência, à volta de 1596, também haverá que dizer, desde já, que as curas milagrosas —

---

<sup>97</sup> Só conhecemos três casos em que, fora do confessorário, se verificou a direcção — digamo-lo assim — espiritual do *Beato*: Soror Brígida..., Fr. João de Vasconcelos e essa «moça que queria ser freira» a quem dirigiu uma carta publicada por Fr. Luis de Mértola e, nas declarações para os processos, ninguém, directa ou indirectamente, se lembra de tal «direcção espiritual».

<sup>98</sup> Agostinho de SANTA MARIA, *História da Vida... da Madre Soror Brizida de Santo António...*, ed. cit., 22, 23.

<sup>99</sup> Agostinho de SANTA MARIA, *História da Vida... da Madre Soror Brizida de Santo António...*, ed. cit., 21.

<sup>100</sup> Lucas de SANTA CATARINA, *Quarta Parte da Historia de S. Domingos Paricular do Reino e Conquistas de Potugal...*, ed. cit., I, 15-23, 101-157 não traz a data de seu nascimento, mas apenas a da sua profissão religiosa (11.3.1608) e a da sua morte (29.1.1652); o ano de nascimento de Fr. João de Vasconcelos, encontramos-lo em D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana...*, III, ed. cit. 782 e, confirmado, de certo modo, pela coincidência com os dados oferecidos pelo cronista dominicano, parece ser aceitável.

<sup>101</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit. 136, 154-155.

<sup>102</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit. 156.

aceitemos, uma vez mais, uma classificação que os seus contemporâneos e devotos atribuíam a muito do que diríamos hoje «graças» e «favores» — de que se registaram os testemunhos, se tornam frequentes, igualmente, desse mesmo ano de 1596... E não deixa de ser interessante anotar, corroborando o que acabamos de sugerir, que o outro dos milagres precisamente datados do *Beato* é de 1597<sup>103</sup>... Poderia mesmo sugerir-se que a benção do navio em que embarcou Iacome Spínola para as Índias de Castela fosse desse mesmo tempo... O padre estava já doente — estava-o, precisamente, desde esse ano de 1597 — e havia «muitos ladrões no mar», informação esta que nos remete para os ataques dos corsários ingleses desses dias... Qualquer que seja, porém, a relação que se queira estabelecer, não poderá negar-se que a quantidade de devotos que em vida e depois da morte do *Beato* acorria a Xabregas na esperança de solução para os seus males — morais ou físicos — terá sido um suporte da construção que o P. António começara com sete tostões<sup>104</sup>... De todos os modos, depois de 1597, apesar de entevado, não deixará de receber e de ajudar os que a ele recorriam<sup>105</sup>...

IV - Se, como escreveu D. Fernão Martins de Mascarenhas, «o nome de sancto, [...] ja em vida lhe davam publicamente grandes e pequenos»<sup>106</sup>, todos, como essa Isabel Mourata, cuja cura de um seu filho foi confirmada por um médico, Salvador Vaz, ou um duque de Bragança ou um duque de Aveiro, corriam a Xabregas por essa «fama que tinha de sancto, e de fazer milagres»<sup>107</sup>... Terá, então, algum interesse tentar, através quer das sete «certidões de personagens» quer de documentos que poderiam ser assimilados a esses testemunhos escritos, como a carta que D. Teotónio de Bragança, arcebispo de Évora, escreveu ao *Beato*, quer dos testemunhos orais jurados dos que o conheceram em vida quer ainda de alguma das cartas que dele nos ficaram, ou mesmo das referências do seu biógrafo — personagens da categoria de uma D. Maria Manuel (†1635), por exemplo, não deixaram testemunhos —, ponderar, apesar de já ter ficado sugerido, o universo social dos seus devotos entre 1586 — data do seu primeiro milagre — e 1602 — data da sua morte.

Aos nomes já referidos de grandes senhores (D. Teodósio, duque de Bragança, D. Álvaro de Lencastre, duque de Aveiro) e de altos prelados (D. Fernão Martins de Mascarenhas, Inquisidor geral, D. Afonso Furtado de

<sup>103</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit. 172.

<sup>104</sup> Louis PLATELLE, *Les Chrétiens face au Miracle. Lille au XVIIème Siècle*, Paris, 1968 representa, ainda hoje, uma boa abordagem do ponto de vista por que optamos aqui.

<sup>105</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit. 172, 173, 175.

<sup>106</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 23.

<sup>107</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 161.



Mendonça, arcebispo de Braga), de nobres bem aparentados como Martim de Castro do Rio), de gente que parece situar-se entre a burguesia (Estêvão Lercaro, Jacome Spinola), de antigos criados do convento de Xabregas, mas que, na sua maioria, tinham sido operários da construção da igreja nova de S. Bento (Manuel Jorge, Pedro Gomes, Pedro Gonçalves) e de lóios (Simão do Espírito Santo, Rafael dos Anjos, António de Santa Maria), haverá que juntar, dentre os que juraram sobre alguma graça que obtiveram ou de que tiveram notícia e os que passaram «certidões» sobre a sua opinião ou a voz corrente sobre a *fama sanctitatis* do P. António, o conde de Santa Cruz, D. Francisco de Bragança, o Regedor Manuel de Vasconcelos — afilhado de baptismo do *Beato* — o conde de Faro, Henrique Correia da Silva, D. Nuno de Mascarenhas — «fidalgo bem conhecido neste Reyno» —, Pedro Correia da Silva, Luis da Silva, Gonçalo Pires de Carvalho, Afonso Cordovil, Jorge de Figueiredo, D. Filipe de Sottomayor, Doutor Sebastião Barbosa — todos gente da grande e pequena nobreza que vivia em Lisboa — António de Abreu Leite (morador em Pombal, parente do *Beato*), Francisco de Sousa, Matias Fernandes, Francisco Carvalho — três ourives —, João Martinho — armador —, João do Couto — escrivão —, André de Castro e Álvaro Pinto — uma série de moradores de Lisboa, ocupando pequenos officios e lugares na burocracia —, P. Matias Rangel, P. Francisco Tavares, o Beneficiado Filipe Bernardes — do clero secular —, Pedro de S. João, Vicente da Ressureição, Diogo da Purificação, Hieronimo da Madre de Deus, Bartolomeu dos Mártires — todos da Congregação de S. João Evangelista —, Fr. Francisco da Silva, Fr. Francisco Pereira — ambos carmelitas. Todos o conheceram em vida e o procuraram em S. Bento. Do mesmo modo, ao nome de alguma dama já referido, teremos que acrescentar o de D. Maria de Castro, condessa de Atouguia — que se terá declarado parente do *Beato*<sup>108</sup> —, D. Mariana de Lencastre, D. Antónia de Lemos, D. Guiomar de Castro, condessa de Faro, D. Briolanja de Sousa — grandes damas lisboetas —, D. Paula Grinalda, D. Maria de Lercaro — que pelo nome e pelos maridos poderíamos supor de origem italiana e serem gente do mundo do negócio —, Luisa Rodrigues, Vicência Antunes, Isabel Mourata, Domingas Francisca, Senhorinha de Almeida — uma parteira —, remetem-nos, com alguma

---

<sup>108</sup> Nos depoimentos da condessa de Atouguia que resume Fr. Luis de Mértola (*Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 119-123) e nas páginas que o carmelita dedica ao seu nascimento e família não há alusão a tal parentesco; a notícia é, tanto quanto pudemos controlar, apenas dada por Jorge de S. Paulo (*Epilogo e Compendio da Origem da Congregação de S. João Evangelista...*, ms. cit., 549), pois nem sequer Fr. Francisco de Santa Maria, que quis entroncar um pouco melhor a genealogia do *Beato*, se lembra desse e de outros parentescos referidos pelo cronista lóio..

excepção, para o amplo mundo dos anónimos que acorriam, geralmente às sextas-feiras, à bênção do P. António...

A estes nomes que certificaram ou juraram a fama de santo de que gozava o Beato, podemos juntar algum daqueles ou daquelas a quem o padre lóio escreveu e que, por qualquer motivo — a morte, por exemplo, antes que começassem a recolher-se os testemunhos, o que, como sugerimos já, parece só ter acontecido em 1607 — D. Francisco Manuel, conde de Atalaia, D. Fernando de Noronha, conde de Linhares, Cristóvão de Moura, Inácio de Lima, D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa, D. Catarina, duquesa de Bragança, D. Maria Manuel — a célebre senhora que, no dizer de um bispo português, «se se lera hũa cadeira de bons procedimentos, às donas e senhoras de Portugal, ninguem a podera ler com mais satisfação que D. Maria Manuel»<sup>109</sup> — D. Maria de Castro, comendadeira de Santos, D. Helena de Pancas, D. Filipa de Sá, condessa de Linhares e D. Violante de Andrade, condessa velha de Linhares. As cartas que lhes dirigiu o *Beato* deixam perceber que o destinatário estava a par da personalidade que lhe escrevia e, em alguns casos — Cristóvão de Moura..., D. Miguel de Castro..., conde de Linhares..., D. Maria de Castro..., D. Maria Manuel —, transparece mesmo um conhecimento — quando não um reconhecimento — e uma admiração recíproca. Como já se terá suspeitado, por vezes, são membros da mesma família e de grupos de amigos — às vezes, da mesma rua<sup>110</sup>... — que testemunham...

De qualquer modo, o que parece ser possível perceber através desta evocação de nomes é o lugar em que, no seu conjunto, homens e mulheres, senhores e prelados, a grande nobreza ocupa na veneração do P. António da Conceição enquanto viveu... Contas feitas, o seu número nem sequer é superado pelo da gente de casa, os lóios... Deles, como sabemos por alguma referência que ficou feita, vieram grandes esmolas para a construção da igreja nova de S. Bento de Xabregas... Um Cristóvão de Moura também quis contar-se entre os grandes benfeitores... E, há que reconhecê-lo, eram os devotos não só mais facilmente localizáveis, mas também os de maior prestígio e as testemunhas de maior credibilidade — e, logo, de maior eficácia na difusão dessa veneração... Uma veneração que era, naturalmente, antes de mais lisboeta, embora possamos encontrar indícios de que em Barcelos..., em Vilar de Frades..., no Porto..., em Condeixa, terras onde

<sup>109</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, 98; Jorge CARDOSO, *Agiolégio Lusitano...*, II, Lisboa, 1657, 475-476, 481 dedica larga referência a esta virtuosa matrona que, dirigida por Fr. Luis de Mértola depois da morte do *Beato* António, bem merecia uma monografia.

<sup>110</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 172-173.

moravam antigos criados de Xabregas ou familiares de lóios que, por intermédio de companheiros do *Beato*, a este, com êxito, recorreram alguma vez, a sua fama atravessava também o quotidiano de muitos... O fidalgo Henrique Correia da Silva, do Conselho de Estado, vai de Condeixa a Lisboa só para conhecer o P. António da Conceição<sup>111</sup>...

Curiosamente, através dos dados fornecidos por Fr. Luis de Mértola, dir-se-ia que essa tendência se manteve até cerca de 1625-1626, anos em que os grandes senhores e os grandes prelados enviam as suas declarações... e que depois os que iam buscar terra da sepultura do *Beato* ou recorriam às suas relíquias se situavam em zonas socialmente muito menos elevadas... Mesmo tendo em linha de conta que o número de freiras devotas do *Beato* vai em crescendo — especialmente entre as clarissas de Nossa Senhora dos Poderes de Vila Longa (arredores de Lisboa)<sup>112</sup> —, em linhas gerais, poderá até, talvez, ter sido assim — haveria que recorrer a uma documentação menos sinóptica e posterior a 1647 —, mas convém recordar, novamente, o papel que Soror Brígida de Santo António desempenhou, junto de reis e altos senhores, na causa do seu «pai espiritual» até 1655...

De todas as maneiras, um Pedro Correia da Silva «tinha [o P. António da Conceição] por santo» e, por tal, como pensava também uma Isabel Mourata, «fazia milagres»... Por isso, um duque de Bragança podia certificar que «varias pessoas, assi Ecclesiasticas como seculares [lhe] disserão em Lisboa a grande opinião em que era tido de sancto...»<sup>113</sup>. Consequentemente, todos estes que testemunharam e todos os que, anónimos, por ele foram abençoados, enquanto viveu, todas as sextas-feiras, desejavam que essa santidade fosse oficialmente reconhecida, isto é, como dizia o Regedor Manuel de Vasconcelos, seu afilhado, que «merece bem honralo Sua Santidade com o beatificar»<sup>114</sup>... Um beato vivo... Para uns foi um intercessor. Os grandes senhores parecem tê-lo tido, sobretudo, nesta conta e, assim, vemos o cardeal Alberto..., duque de Bragança..., o conde de Santa Cruz visitá-lo e pedir-lhe orações... O duque de Aveiro, «por ser a primeira pessoa que [o] confessou, e sempre com elle [se correu] até que Deos o levou», procurou mesmo «o mais tempo que elle dissesse missa por [si], como o fez algũa quantidade de annos»<sup>115</sup>. Um intercessor, naturalmente, como vimos, para muitos, *doublé* de profeta... Mas para a

<sup>111</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 188.

<sup>112</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 181, 182; em Vila Longa possuíam, antes de 1647, o retrato do P. António da Conceição.

<sup>113</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 27.

<sup>114</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 23; todas as «certidões» de grandes senhores e prelados repetem esta mesma declaração...

<sup>115</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 25-26.

grande maioria dos seus contemporâneos o *Beato* foi, antes de mais, um taumaturgo... Os extratos do processo vão nesse sentido... Se os grandes senhores, como parece, tinham a possibilidade de o visitar, mesmo estando doente<sup>116</sup>, ou de o chamar sempre que necessitavam — com efeito, só o vemos ir a casa de grandes senhores: um conde de Atouguia..., um D. Henrique de Meneses... —, a larga maioria era recebida às sextas-feiras na igreja de S. Bento, onde, como informa J. Cardoso, havia uma imagem desse santo «tam antiga como milagrosa»<sup>117</sup> há abundantes testemunhos de gente que vai a S. Bento várias sextas-feiras — três, cinco, nove... —, ainda que haja alguns que vão lá à quarta-feira, sem que nos possamos explicar esta preferência<sup>118</sup>... Outros ainda há que vão quando podem e chegam também a ser recebidos na cela estando o *Beato* no leito por entrevado<sup>119</sup>. Desde 1597 — não sabemos precisar melhor<sup>120</sup> — até alguns meses antes da sua morte — melhor, desde uma semana antes do Natal de 1601 até à última sexta-feira antes da sua morte, isto é, 9.5.1602 — tinham que o trazer à igreja<sup>121</sup>. Mas, com saúde ou entrevado, na igreja ou no leito, o *Beato* benze — em alguma ocasião, por duas vezes — e, quase sempre, põe as mãos sobre o corpo do doente... Em algum caso, depois de benzer, aplica a língua sobre os olhos do cego..., mete os dedos nos ouvidos do surdos ou dos que nestes tinham qualquer outra enfermidade<sup>122</sup>... Quase sempre também aplica azeite da lâmpada do altar de S. Bento<sup>123</sup>. Em qualquer dos casos, ainda que as testemunhas nem sempre o refiram, vai proferindo, em voz baixa, algumas palavras... No caso mais antigo que conhecemos — o do conde de Atouguia, em 1586 —, depois da missa, lê o evangelho do dia sobre a cabeça do enfermo<sup>124</sup>... É, porém, o único caso em que o vemos ler tal texto... Em todos os outros, as palavras que vai dizendo são, de acordo com muitos dos que as perceberam, a «oração de S. Bento»<sup>125</sup>, isto é, como

<sup>116</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 166.

<sup>117</sup> Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, III, ed. cit., 221; a imagem, no tempo em que J. Cardoso redacta a sua notícia, já se encontrava na igreja nova de S. Bento de Xabregas.

<sup>118</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 141.

<sup>119</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, 168; nos vários casos em que se verifica esta situação, os enfermos são, quase sempre, levados à cela do P. António por um membro da comunidade de quem são parentes ou conhecidos.

<sup>120</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 172.

<sup>121</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 175.

<sup>122</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 160, 187.

<sup>123</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 61, 124, 125, 152, 157; a já referida D. Maria de Lercaro é a única testemunha a dizer que o Beato lhe benzeu o inchaço na garganta «com hũa pequena de agoa da reliquia de São Bento»: conf. 136-137.

<sup>124</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 119, 120.

<sup>125</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 172, 187.

identificou algum mais erudito e versado em liturgias — o lóio Doutor Vicente da Ressureição —, a antífona de S. Bento com sua oração<sup>126</sup>... Prática diferente em situação diferente ou mudança de prática no mesmo rito? A única explicação — e sê-lo-á? — que poderia sugerir-se é que o *Beato* actuava fora da igreja de S. Bento... Ou ainda não «ungiria» com o azeite da lâmpada do altar do santo e com as orações adequadas? Também não sabendo nós por que lhe foi necessário recorrer a tão curioso estratagemas — aliás, bem revelador da sua fé na santidade do padre lóio —, gente houve que para se acercar ao *Beato* e poder tocar no seu hábito um dedo ou membro enfermo, se ia confessar com ele e, enquanto se confessava, ia tocando nas vestes do santo... Com tal estratagemas, de que, talvez, nem sequer recordasse os antecedentes evangélicos, logrou ser curada aquela Isabel Mourata que, por mais que uma vez, já encontramos<sup>127</sup>...

A ele recorrem para uma amplíssima variedade de males e de situações, em que, talvez, abundem as febres..., as verrugas..., os lobinhos..., as dores de cabeça..., os «fumos na cabeça»..., a loucura..., a gota coral..., os membros quebrados..., cegos..., aleijados..., partos... Benze purgas que havia que tomar<sup>128</sup>..., e envia azeite bento quando não pode ir aonde o chamam<sup>129</sup>... Até gente que ia de viagem recorria, como vimos, ao P. António<sup>130</sup>... Como terá sido fácil suspeitar — e já, desde, este ângulo, tivemos ocasião de o propor — para a larga maioria dos que o veneravam, a sua santidade estava, muito naturalmente, no seu poder taumatúrgico — e mesmo os que a ele acorriam como intercessor deveriam ter esta dimensão por fundamental —, mas, tanto em vida como depois de morto — através de relíquias suas (as suas carapuças parecem ter sido tão numerosas como eficazes) e, talvez, sobretudo, por meio da terra do seu sepulcro — não parece que o *Beato* tenha sido um santo «especializado»... Bastou-lhe ser um «santo vivo».

Tudo somado — o número dos que a ele recorriam..., os diferentes níveis sociais a que pertenciam..., a variedade dos poderes (espírito profético, intercessor, taumaturgo) do *Beato*... —, parece ser aceitável seguir os seus hagiógrafos no relato que dão quer da última sexta-feira antes de morrer quer do que se passou nos seus funerais... De certo modo, porém, estes dois momentos foram, ao nível da ressonância da sua fama de santo, anunciados por uma «maravilha» que envolvia o próprio *Beato*: ele que

---

<sup>126</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição*..., ed. cit., 150.

<sup>127</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição*..., ed. cit., 161.

<sup>128</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição*..., ed. cit., 132.

<sup>129</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição*..., ed. cit., 130.

<sup>130</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição*..., ed. cit., 137.

desde 1597, por entrevado, não podia dizer missa e vivia recolhido na cama — era, contudo, como já sabemos, levado às sextas-feiras para benzer os seus devotos —, desde a festa da Expectação (ou Nossa Senhora do Ó) de 1602 até ao dia de Natal desse ano — isto é, durante uma semana — pôde, com grande espanto de todos, celebrar... Talvez possa mesmo ter continuado a fazê-lo, como quer Fr. Luis de Mértola, até alguns dias antes de morrer<sup>131</sup>..., embora o padre lóio Baltasar da Madre de Deus, que vivia no mesmo convento de Xabregas, informe que «havia muito tempo, que o Padre Antonio da Conceição não dizia Missa por sua muita velhice...». Precisa, porém, que a última missa do P. António da Conceição teve lugar no dia da Cruz de Maio, isto é, 3 de Maio<sup>132</sup>. De qualquer modo, estes recolhimentos e aparições do *Beato* não deixarão de ter contribuído para preparar a sua exaltação e difundir a sua fama... Recordemos que os testemunhos, em qualquer das ocasiões, falam em que teve «miraculosamente» forças para se levantar... E, assim, Baltasar da Madre de Deus assegura, como estaremos recordados, que, celebrada a missa, passou «despois a benzer as pessoas que o buscavão, e que foi tão grande o concurso da gente naquelle dia, que nunca elle testemunha vira outro tal, nem no proprio dia de São Bento...». Compreende-se que, enquanto o levavam «com muito trabalho a cella», a multidão tenha aproveitado para «com devoção lhe [cortar] pedaços da sua murça, e os levavão por reliquias, como tambem o fizerão no dia da sua sepultura»<sup>133</sup>...

O que aconteceu depois ficou já assinalado. Juntemos apenas que, contrariando os estatutos da Ordem, não foi sepultado no claustro, porque «foi tanta a instancia que se fez assi por parte dos nobres como do povo, que se alcançou dispensação para ser sepultado na Igreja, onde mais comodamente podesse ser visitada sua sepultura...»<sup>134</sup>. A partir deste dia, a sua presença continuou a manifestar-se através quer de relíquias suas quer do seus retratos — em pintura ou em «registos» — quer ainda por meio da terra da sua sepultura... E esta terra — fez-se mesmo uma abertura, com porta e chave, para mais facilmente poder ser colhida da sua campa<sup>135</sup> — foi, a fiarmo-nos tanto nos extractos dos processos como em outras fontes — a vida de Soror Brígida de Santo António, por exemplo — o instrumento

<sup>131</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 67; a redacção de Fr. Luis de Mértola, quando confrontada com a informação do P. Baltasar da Madre de Deus, presta-se a alguma confusão.

<sup>132</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 162.

<sup>133</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 162-163.

<sup>134</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 88.

<sup>135</sup> J. CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, III, ed. cit., 223.

privilegiado para alcançar graças por intercessão do *Beato*<sup>136</sup>... Há sempre — e sempre havia... — que voltar à sua igreja..., uma igreja que ainda se andava construindo...

V - Para nós hoje, que, se podemos aceitar as suas «grandes virtudes», não logramos descortinar as «grandes letras» que lhe atribui Fr. Lucas de Santa Catarina<sup>137</sup>, as principais relíquias poderiam ser a sua obra «literária» — as suas cartas e alguns poemas seus. Referimo-nos, evidentemente, às dezasseis cartas publicadas por Fr. Luis de Mértola e a três que vêm na biografia de Soror Brígida de Santo António, dirigidas estas à brigítina (duas) aquando da sua entrada na Ordem<sup>138</sup> e outra a sua mãe, D. Isabel de Mendanha<sup>139</sup>. A fiarmo-nos em Fr. Agostinho de Santa Maria, Soror Brígida conservava religiosamente uma série de cartas que o seu «pai espiritual» lhe escrevera e que, salvas milagrosamente de um incêndio que destruiu o convento<sup>140</sup>, foram, por morte da célebre madre, deixadas ao seu confessor — Fr. Francisco da Anunciação —, acabando por se lhe perder o rasto<sup>141</sup>. Fr. António da Conceição, o trinitário homónimo do Ióio, terá chegado a lê-las aquando do seu exame ao «espírito» de Soror Brígida<sup>142</sup>. Estavam cheias de profecias... Infelizmente, não sabemos sobre quê ou sobre quem... As dezasseis cartas publicadas por Fr. Luis da Apresentação têm como destinatários outras tantas altas personalidades<sup>143</sup> e, apesar da sua

<sup>136</sup> J. CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, III, ed. cit., 211, onde, a jeito de síntese, escreve: «Obrando de então atêgora o Omnipotente por meio della [terra], em diversas partes deste Reino, e fôra delle, copiosos milagres, que se autenticão em ordem a sua Beatificação...».

<sup>137</sup> Lucas de SANTA CATARINA, *Quarta Parte da Historia de S. Domingos Particular do Reino de Portugal e suas Conquistas...*, ed. cit., 1, 15, 102.

<sup>138</sup> Agostinho de SANTA MARIA, *História da Vida... da Madre Soror Brízida de Santo António...*, ed. cit., 37-38, 43-44.

<sup>139</sup> Agostinho de SANTA MARIA, *História da Vida... da Madre Soror Brízida de Santo António...*, ed. cit., 38-39.

<sup>140</sup> Agostinho de SANTA MARIA, *História da Vida... da Madre Soror Brízida de Santo António...*, ed. cit., 163, 199.

<sup>141</sup> Agostinho de SANTA MARIA, *História da Vida... da Madre Soror Brízida de Santo António...*, ed. cit., 49, 284.

<sup>142</sup> Agostinho de SANTA MARIA, *História da Vida... da Madre Soror Brízida de Santo António...*, ed. cit., 88.

<sup>143</sup> Apesar de quase todos os destinatários dessa correspondência já terem ficado, alguns por mais que uma vez, nomeados, terá algum interesse alinhá-los aqui pela ordem por que Fr. Luis de Mértola publica as missivas que lhes dirigiu o P. António, indicando o seu número e a sua data — certa ou provável: D. Teotónio de Bragança (2: 15.1.1601; Fev.1597), D. Maria Manuel (1: Janeiro-Maio.1602), D. Miguel de Castro (1: 1585-1602), Cristóvão de Moura (1600-1601), Inácio de Lima (26.2.1601), D. Catarina, duquesa de Bragança (1596-1597), «uma moça que queria ser freira» (1:?), conde de Atalaia (1: 1602?), D. Maria de Castro (1: 1602), D. Helena de Pancas (1: ?), conde de Linhares (1: 1602?), condessa de Linhares (1: 1602?), condessa velha de Linhares (1: 1602?).

variedade, entre duas datadas de 1601 e outras datáveis, com alta certeza, desse ano ou dos começos do seguinte, todas parecem remeter-nos para os últimos anos — se não mesmo para os últimos dois anos — de vida do *Beato*, quando ele, entrevado, continuava jazendo na cama... Se as cartas a Soror Brígida de Santo António a incitam a conservar a sua vocação e a que dirigiu a D. Isabel de Mendanha procura mitigar a sua dor pela entrada, digamo-lo assim, «à traição», de sua filha nessa Ordem recentemente chegada a Portugal ao amparo de Filipe II, as outras pouco mais são do que uma série de notas de cumprimentos, de agradecimentos de esmolas e de sugestões sobre a eleição que esta ou aquela família poderia tomar sobre a construção ou acabamento de alguma capela da igreja nova de S. Bento de Xabregas, de pedidos de proteção para duas orfãs ou para um irmão do P. Inácio Martins, S.J., ou ainda de incitamento «a hũa moça que queria ser freira», louvando-lhe o desejo e recomendando perseverança.

Deste modo, a sua correspondência nada nos permite captar da sua espiritualidade e, muito menos, consequentemente, das correntes espirituais que, nesses anos finais do século XVI, cruzavam os conventos da sua congregação... E do que sabemos das suas origens não parece ser legítimo induzir, sem mais, a persistência dos laivos da *Devotio Moderna*, via Ludovico Barbo e S. Jorge de Alga, que, um tanto tardia e enviesadamente, parecem tê-las enformado<sup>144</sup>. Antes, se as suspeitas, apoiadas em ruins provas, valem alguma coisa, estaríamos em dizer que, durante muitos anos, o P. António esteve próximo do que poderíamos dizer a espiritualidade dos «recolhidos»... Por algo, como já sabemos, deverá ter procurado manter-se afastado do mundo e dos cargos da Ordem, o que permitiu ao seu primeiro biógrafo sublinhar «o seu grande recolhimento», esse recolhimento que, traduzido, antes de mais, na guarda da cela, é «meio a guarda dos sentidos»<sup>145</sup>... E os outros seus biógrafos, preocupados com provar a sua santidade por meio de «maravilhas», se nada deixaram — e, como vimos, queixaram-se da falta de elementos para documentar alguns aspetos da sua biografia que nos poderiam fornecer excelentes pistas — apontaram, porém, que «a lição de que usava muito, era das obras de S. Bernardo»<sup>146</sup>. Não perguntemos por que S. Bernardo, mas anotemos que por elas «líã mui de ordinario, e as tinha cotadas de sua mão em muitas partes...». A ser assim —

<sup>144</sup> Pedro Vilas Boas TAVARES, *Os Lóios e a Reforma Religiosa nos séclo XV. A Odem e Regimento da Vida Cristã de Frei Pedro de Santa Maria*, Porto, 1986 (ed. policopiada), I-28 apresenta o que é até hoje a melhor síntese das origens e evolução da Congregação de S. João Evangelista; do mesmo autor terá que vir a consultar-se o artigo «Lóios» no *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, (no prelo).

<sup>145</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 58.

<sup>146</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 77.



não duvidemos, mas Fr. Luis de Mértola não apresenta testemunhos para esta sua afirmação — aquela nossa suspeita sobre o «recolhimento» poderá ganhar alguma credibilidade... Cita-o, aliás, numa carta a D. Teotónio de Bragança. E S. Bernardo foi, como se sabe, um mestre dos *Recogidos*...

Contudo, ainda que não relacionado com o «último dos Padres», sabemos — aparentemente, pelo menos —, um pouco mais sobre outra leitura sua: Santa Teresa. Desta leu, oferecido pelo mesmo arcebispo de Évora, D. Teotónio, que o mandara imprimir (Évora, 1583), o *Camino de Perfección*. Com efeito, Fr. Francisco Pereira, carmelita de Moura, que «sendo [...] de idade de doze annos começou a tratar com o Padre Antonio da Conceição na sua cella, e no Convento ajudandolhe todos os dias na missa», jurou que «estando o servo de Deos hum dia lendo por hum livro de Sancta Thereja, que o Arcebispo Dom Theotonio lhe havia mandado e que com esta lição vío que o Padre se enlevava com os olhos no Ceo sem falar cousa algũa...»<sup>147</sup>. Depois, o *Beato* não deu explicações à curiosidade do moço sobre «o que era que vira»... O depoimento do carmelita, para além de nos confirmar a boa relação entre D. Teotónio e o P. António da Conceição documentada por algumas cartas, tem o interesse de nos assinalar um dos primeiros leitores concretos de Santa Teresa em Portugal e de nos indiciar que, apesar de só levemente serem aflorados na sua biografia, o *Beato* poderá também ter acedido a altos graus de oração. E, curiosamente, numa carta de 15.2.1601, dirigida ao arcebispo, começa por citar, depois de S. Bernardo, a Santa Teresa<sup>148</sup>... Estranhemos que nessa data o Padre António cite uma santa que só o será vinte anos depois... , mas, por agora, o melhor é admitir que, em 1647, o carmelita editor actualizou o texto...

Das suas poesias não possuímos hoje mais do que duas ou três «reliquias» e, mesmo assim, alguma de duvidosa autenticidade... Jorge Cardoso, cujas páginas que dedica ao *Beato* estão baseadas — sobretudo, mas não exclusivamente — na obra de Fr. Luis de Mértola, diz que dele há «muitos versos spirituaes e cartas» para Soror Brígida de Santo António<sup>149</sup>... É possível que os houvesse, mas o grande benemérito da cultura portuguesa que foi o autor do *Agiológio Lusitano*, fazendo memória da célebre freira, apenas publica, «para consolação dos [...] devotos» da brigitina, uns «versos que entoava quando se via mais fervorosa, e inflamada no divino amor», ignorando, porém, se «erão seus, se de seu Mestre...»<sup>150</sup>. Endexas escritas em castelhano, a lição textual que delas publica J. Cardoso

<sup>147</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 177.

<sup>148</sup> Luis de MÉRTOLA, *Vida e Morte do P. António da Conceição...*, ed. cit., 91.

<sup>149</sup> Jorge CARDOSO, *Agiológio Lusitano...*, III, ed. cit., 876.

<sup>150</sup> Jorge CARDOSO, *Agiológio Lusitano...*, III, ed. cit., 877.

é, além de ligeiríssimas variantes, um pouco mais breve que a que edita Fr. Agostinho de Santa Maria. Este, assegurando-nos que esses «versos, que de lhos ouvir cantar a Madre Sor Francisca da Conceição os tomou de memoria, os traz assim»<sup>151</sup>, não resolve, evidentemente, a dúvida de Jorge Cardoso... E, em qualquer das versões, os seus adjectivos no feminino — *muerta...*, *helada...*, *rica...*, *toda...*, *crucificada...* — poderiam como que garantir a autoria de Soror Brígida, se não soubéssemos o que era o trabalho poético nesses séculos XVI e XVII<sup>152</sup>... Soror Brígida poderia ter facilmente adaptado os versos à sua pessoa. E se uma quadrazinha que o *Beato*, por ocasião de uma festa no mosteiro da Esperança, escreveu em louvor de Santo António não pode, tal como a publica Jorge Cardoso<sup>153</sup>, sofrer comparação com as endexas referidas, um soneto que lhe é atribuído, dirigido a Soror Brígida e encontrado entre os papéis por ela deixados<sup>154</sup> — foram-se as cartas, mas ficaram os versos... —, poderia confirmar-nos o P. António como um poeta espiritual «de ocasião» não inferior a muitos outros conhecidos... E dizemos «de ocasião», porque, tal como a quadra foi escrito para um momento festivo, o soneto parece celebrar a entrada de Soror Brígida em religião... Será, realmente, do padre lóio? As nossas dúvidas resultam de nem Luis de Mértola nem Jorge de S. Paulo nem Francisco de Santa Maria se recordarem de que o *Beato* escreveu «muitos versos spirituaes»<sup>155</sup>...

<sup>151</sup> Agostinho de SANTA MARIA, *História da Vida... da Madre Soror Brizida de Santo António...*, ed. cit., 187. Soror Francisca da Conceição, irmã do conde de Vila Nova, era freira da Esperança, casa que acolheu as brigittinas aquando do incêndio que lhes destruiu o mosteiro (Conf. Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, III, ed. cit., 877) e a sua «relação» (ou «epítome», segundo J. Cardoso) deve ter igualmente sido uma das fontes do autor do *Agiologio Lusitano* que a cita, situação esta que dificulta a explicação das variantes textuais das «endexas»; outras informações, garantidas por uma convivência familiar de mais de vinte anos com a brigittina, resultam quer desse trato quer do conhecimento que J. Cardoso tinha de Soror Inês de S. Sebastião, confidente da Madre Brígida, e à data em que o autor do *Agiologio* redactava a sua notícia, superiora do mosteiro das brigittinas em Xabregas.

<sup>152</sup> De acordo com o que escrevemos acima, deve anotar-se que a fonte de Jorge Cardoso e de Agostinho de Santa Maria deve ser a mesma: os «papéis» de Soror Francisca da Conceição, que devem identificar-se — no todo ou em parte — com a «epítome» ou «relação» que da vida de Soror Brígida deixou a freira da Esperança.

<sup>153</sup> Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano...*, III, ed. cit., 680, nas páginas que, em 13 de Junho, dedica à comemoração de Santo António de Lisboa.

<sup>154</sup> Agostinho de SANTA MARIA, *História da Vida... da Madre Soror Brizida de Santo António...*, ed. cit., 245-246. (Em apêndice publicamos os três poemas referidos no texto).

<sup>155</sup> É bem possível que o P. António da Conceição estivesse relacionado com as clarissas da Esperança, mas, em contraste com as de Vila Longa ou até as de Santa Clara de Lisboa, não encontramos, nos extractos do processo (ou dos processos) publicados por Luis de Mértola, referências à sua veneração ao *Beato*... As únicas que conhecemos dependem do tempo em que Soror Brígida e a sua comunidade foram acolhidas na Esperança aquando do incêndio no mosteiro de Mocambo em 1651. De qualquer modo, não deixa de ser um tanto estranho que as

VI - Por tudo o que acabámos de evocar, talvez seja aceitável repetir aqui o que, por várias vezes, fomos sugerindo: o P. António da Conceição foi, em seus dias, que, em larga medida, coincidem com os do reinado de Filipe I de Portugal, um «santo vivo». Talvez, melhor até, dadas as esperanças que grande número dos seu contemporâneos depositou na sua rápida beatificação, um «beato vivo»... Prelados..., vice-reis..., governadores..., altos senhores..., grandes damas..., e uma enorme quantidade de gente quase anónima procuraram tê-lo junto de si — mandando-o buscar ou visitando-o — para a ele recorrer como intercessor..., profeta..., taumaturgo... Alguns — ao parecer, poucos e tardiamente — a ele recorreram como guia espiritual... Por outro lado, estaríamos em dizer que o *Beato* deverá ter sido um santo em que os lóios, por muitos motivos — prestígio..., necessidades... — «apostaram»... Os lóios? Ou os lóios de Xabregas? Não é fácil responder, mas haverá que notar que, se mal não lemos a documentação extractada por Fr. Luis de Mértola, não há testemunhos dos superiores da Ordem referentes a estes anos... A este nível, as grandes testemunhas, não tanto das virtudes, mas dos seus milagres são, naturalmente, gente — companheiros e autoridades — de Xabregas... De qualquer modo, porém, a congregação portuguesa — tão portuguesa que nunca quis, verdadeiramente, expandir-se para fora das fronteiras — ainda não tinha qualquer membro seu nos altares... E um santo, mesmo que viesse a ser apenas beatificado, seria sempre uma honra — além de um intercessor privilegiado — para a Congregação de S. João Evangelista, começando pela casa de Xabregas... E tudo parecia concorrer para assim suceder... E nestes anos em que nos situamos — os últimos vinte anos de Quinhentos — o Beato António apareceu como um santo que podia «ajudar» a todos — e foi o que ele fez — desde a construção de uma igreja nova para o seu convento até à cura de um largo espectro de enfermidades, passando pela tranquilização do Reino e, quase como consequência, pela consolidação do novo Poder... Teria sido assim? Se assim foi, já não foi pouco, mas parece que não chegou para o colocar nos altares...

José Adriano de Freitas Carvalho

---

três poesias conhecidas do *Beato* estejam relacionadas com a Esperança — as endexas, tendo-as Soror Francisca da Conceição aprendido de memória quando Soror Brígida as cantava, foram por ela «transcritas»; a quadra foi enviada ao tempo de uma festa em honra de Santo António na Esperança...; e o soneto encontrava-se entre os «papéis» da mesma Soror Francisca, freira da Esperança... O Padre António ou Soror Brígida?

*Abstract:*

*P. António da Conceição (1538-1602), CSJE (the Confraternity of St John the Evangelist), also known by the name of «Beato António» and celebrated by his saintliness, was an outstanding figure of the late 16<sup>th</sup> Century Lisbon, during the last years of Filipe II of Spain as king of Portugal. His aura of saintliness also derived from his powers of prophecy and thaumaturgy, attracting followers from all social classes and their contributions which provided the means to build the new Confraternity's church in Lisbon. He was also able to congregate the interest of the dominant classes, supporting their efforts to «pacify» the city of Lisbon – in fact, the whole Kingdom – in a period of such turbulence with the English ships attacking the Portuguese ports. Based on excerpts from his beatification process, a process which was suspended in the beginning of the 18<sup>th</sup> Century by unknown causes, the author attempts a first approach to this personage who, because of the suppression of his Order, had never been object of an in-depth study.*

## APÊNDICE

### POESIAS ATRIBUÍDAS AO P. ANTÓNIO DA CONCEIÇÃO

Critérios de edição:

1 - Para as endexas optamos pela lição de Jorge Cardoso (*Agiologio Lusitano...*, III, Lisboa, 1666, 877-878), assinalando em itálico entre [ ] as ligeiras variantes lexicais e as estróficas;

2 - Para a quadra, servimo-nos, naturalmente, do texto que vem em Jorge Cardoso (*Agiologio Lusitano...*, III, ed. cit., 680), única lição conhecida;

3 - O soneto, transcrevemo-lo, sem mais, da *História da Vida... da Madre Soror Brígida de António...*, (Lisboa, 1701), 187-189, de Fr. Agostinho de Santa Maria, O.S.A.D.

4 - Os títulos, que são nossos, vão entre [ ].

#### I – [ENDEXAS]

Mi Dios lumbre de mis ojos  
Dios mi bida, Dios mi amado  
Responded a mis deseos  
Pues con suspiros os llamo.  
Si amaros no meresco  
Vós mereceis ser amado  
Por vós mismo a vós pido,  
Y lo pido para amaros.  
Sois mi bida, i voi [*estoy*] muerta  
Sois fuego, i estou elada  
Sois camino, i voi perdida  
Todo lo tendré si os hallo.  
Paloma sois por los aires,  
En la ciudad Ciudadano,  
Marinero por la mar,  
Y corderito en los campos.  
Para ternuras [*ternura*]sois niño  
Para amistades hermano  
Para sed vino precioso  
Y para hambre pan blanco.  
En los Oratorios Christo,  
En los montes solitario,  
Luz del mundo en las tinieblas,  
Y consuelo en los trabajos.

*[Todo os transformais en todo,  
 Porque en todo os tenga a mano:  
 Con todo os busco, mi vida,  
 Y con buscaros, no os hallo.]*

Dios mio, y hermoso mio,  
 Que deseais a quien daros,  
 Daos al pobre que os desea,  
 Pues me dais el desearos.

*[Dios, atended a mi vida,  
 Daos prissa, aligerad el passo,  
 Sois salud, estoy enferma,  
 Morire, si os tardais tanto.]*

Que os cuesta el hazerme rica,  
 Venid mi Dios, que os aguardo,  
 Hazed de mi coraçon  
 Para vós un Relicario.

Quando vivirá a vós toda,  
 Toda muerta a mis pecados,  
 Y quando al mundo, i a mi  
 Estaré crucificada,

*[Quando a solas, con vós solo,  
 Vivirè sola callando,  
 Humilde, atenta, y contente,  
 Solo os gozarè de espacio?]*

Quando os hallaré Dios mio,  
 Quando os tendré en mis braços,  
 Quando moriré de amores,  
 Y de ver aqueste quando.

En las llagas de esos pies  
 mis ojos pongo llorando,  
 Y mi boca humilde besa  
 Las Rosas de vuestras manos.

Mi alma se esconde toda  
 En la llaga del costado,  
 Para que abrazada sea  
 En cenizas de amor sancto,

Aqui estoi como perrilla,  
 Ante la mesa del amo,  
 Gimiendo por las migajas  
 Que os caen de las manos.

II – [QUADRA]

Que mão Antonio divino,  
Pode co a vossa igualarse,  
Pois vem nella a recrearse  
Deus do Ceo, sendo menino.

III – [SONETO]

A soberana luz, qua a alma alumia,  
com que Deos busca, acha, ama, e conhece,  
assim rouba, illustra, e enriquece,  
que o mundo em nada estima, e avalia.  
Sem ser vista, nos ve, nos guarda, e guia,  
andando sempre em nós, não apparece,  
para provar o amor, a que offerece  
por premio, achar que nelle se escondia.  
Guiada desta luz, deste amor presa,  
segundo a Evangelica doutrina,  
negaste o mundo, a mãy, e a natureza.  
Feita por Deos, na Patria, Peregrina;  
porque o imitas na Cruz, e na pobreza,  
com elle subiràs a ser divina.

